

CINDERELAS *e* LULUZINHAS

As adolescentes na rede social



Michelle Aparecida Pereira Lopes

Letraria 

CINDERELAS *e* LULUZINHAS

As adolescentes na rede social

Michelle Aparecida Pereira Lopes

CINDERELAS
e
LULUZINHAS
As adolescentes na rede social

*Araraquara
Letraria
2019*

CINDERELAS E LULUZINHAS: AS ADOLESCENTES NA REDE SOCIAL

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

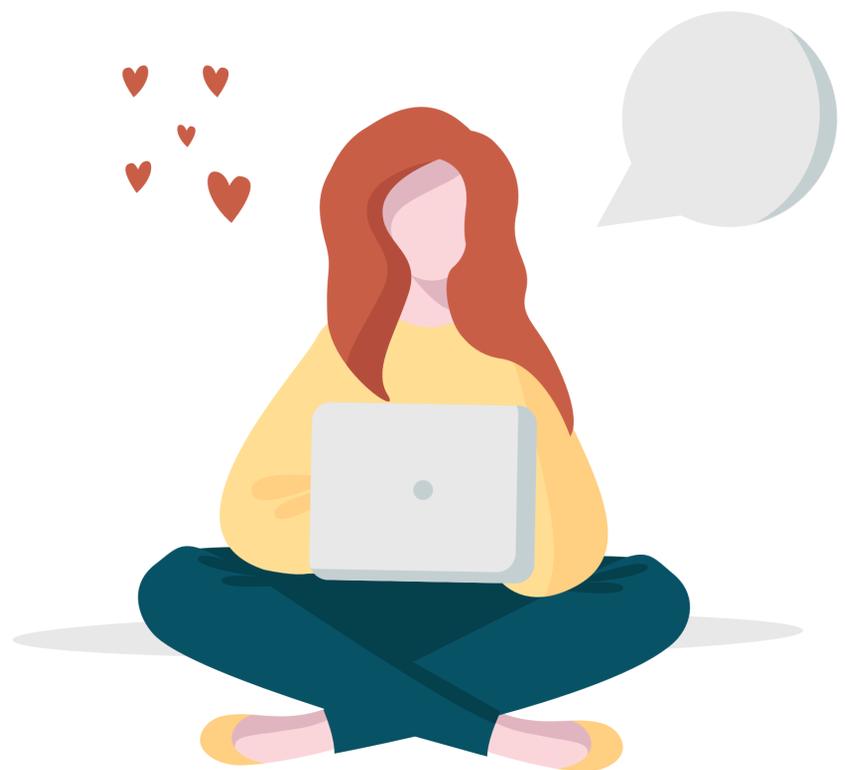
Letraria

LOPES, Michelle Aparecida Pereira.

Cinderelas e Luluzinhas: as adolescentes na rede social. Araraquara: Letraria, 2019.

ISBN: 978-85-69395-55-3

1. Formações imaginárias; 2. Rede social;
3. Cinderela; 4. Luluzinha.



Ela é uma pessoa
No mundo nascida
Como toda pessoa
É dona da vida

Não importa a roupa
Em que está vestida
Não importa a alma
Aberta em ferida

Ela é uma pessoa
E nada fará desistir da vida

Nem o sol de inverno
A terra ressequida
A falta de amor
Falta de comida

É mulher, é mãe
Rainha da vida
De pés na poeira
De trapos vestida

É uma rainha
E parece mendiga

Algo está errado
Nesta nossa vida
Ela é uma rainha
E não há quem diga

(Fagner e Ferreira Gullar)

Sumário

| | |
|--|-----------|
| Apresentação | 7 |
| Introdução | 10 |
| 1. Discurso, formações imaginárias, condições de produção no Tumblr: Reflexões Teóricas | 18 |
| 1.1. Efeitos de sentido entre interlocutores: nas malhas do discurso | 19 |
| 1.2 Condições de produção: o extra-linguístico presente no discurso | 29 |
| 1.3 Formações imaginárias: antecipações de lugares, de posicionamentos, de dizeres, de pensamentos | 33 |
| 2. Redes sociais: espaço de leitura e escrita na cibercultura | 37 |
| 2.1. Por “Mares nunca d’antes navegados”: relações sociais, de leitura e escrita na cibercultura | 38 |
| 2.2 Tumblr: espaço discursivo da contemporaneidade | 46 |
| 3. Duas formações imaginárias do universo feminino: Cinderela e Luluzinha | 58 |
| 3.1. Cinderela, Luluzinha: algumas formações discursivas que concretizam sentidos instituídos | 59 |
| 3.2. (Re)significando Cinderela e Luluzinha | 71 |
| 3.3 Ser Cinderela ou ser Luluzinha? | 77 |

| | |
|---|------------|
| 4. Manifestações discursivas no Tumblr: formações imaginárias de Cinderela e Luluzinha (re)significadas por adolescentes na cibernímia | 86 |
| 4.1. Ser Cinderela somente se o interlocutor for príncipe | 87 |
| 4.2. Amar e sofrer por que, se Luluzinha eu posso ser? | 93 |
| 4.3. O amor não morre nunca | 99 |
| Considerações finais | 102 |
| Referências | 105 |
| Sobre a autora | 110 |

Apresentação

Meu projeto inicial, ao ingressar no curso *stricto sensu* do mestrado em Linguística da Universidade de Franca (UNIFRAN), era desenvolver um estudo na linha do texto, mediante as concepções de Bakhtin. No entanto, ao assistir à aula da Profa. Dra. Maria Regina Momesso, acabei me interessando pela linha da Análise do Discurso. Naquela aula, a Dra. Maria Regina discorreu sobre suas pesquisas voltadas às novas práticas de leitura e escrita oriundas da virtualidade. Ao fazer referência à rede social Tumblr e mencionar que procurava alguém para analisar essa ferramenta, ela despertou meu interesse, pois eu não conhecia essa rede social e fiquei curiosa por conhecê-la.

Em minha prática docente, procurei descobrir se meus alunos conheciam o Tumblr e fiquei surpresa ao detectar que praticamente todas as minhas alunas não só o conheciam, como também usavam essa rede periodicamente. O fato de não conhecer a ferramenta foi o maior de todos os desafios. Isso só foi superado quando propus às minhas alunas uma inversão de papéis: elas assumiram o papel de professoras e me ensinaram a manipular a ferramenta. Foram muitas tardes de conversa e de aprendizado. Esses encontros informais proporcionaram estreitar laços de amizade entre mim e minhas alunas e me despertou alguns questionamentos: o que pensam as adolescentes dessa época acerca do universo feminino? O que pensam de si mesmas? Como essas alunas se mostram ao mundo? Quais representações femininas povoam seu imaginário com mais frequência? Quais dessas referências aparecem em seus discursos na rede social Tumblr? Quais dessas referências apareciam, e como apareciam, no ciberespaço?

Com a leitura de algumas obras dos sociólogos Hall (2006) e Bauman (2005), entre elas *Identidade*, observei que a “modernidade líquida”, conceito definido por esses autores, é condição de produção primordial para se analisar os discursos das adolescentes em qualquer rede social, inclusive no Tumblr. Isso porque a cibercultura oferece às jovens “identidades” diversas e naturalmente elas vão “flutuando”

entre uma e outra. Para a pesquisa, a questão da identidade em si não foi abordada, o que observei foram as formações imaginárias que fazem com que as garotas escolham para si uma identidade ou outra. Portanto, decidiu-se trabalhar com as formações imaginárias, usando a questão da identidade na contextualização do *corpus* e do tema tratado.

Como sugestão da orientadora, recortei a teoria pecheutiana, usando dela o conceito de formação imaginária, muito pertinente à pesquisa que abordaria as imagens que se tem do feminino. Também como sugestão da orientadora, veio a concepção foucaultiana de tecnologia de si, permitindo-se conceber a rede social como uma dessas tecnologias na sociedade contemporânea. Estavam assim definidas as bases usadas para a primeira etapa de produção da dissertação, o relatório de qualificação, apresentado em 14 de dezembro de 2012.

Na banca de qualificação, minha pesquisa foi classificada como um “diamante bruto” que deveria ser lapidado. Assim, aceitando as observações e críticas construtivas feitas ao relatório, o trabalho foi lapidado. Portanto, optei por trabalhar com o conceito de formações imaginárias, segundo Pêcheux e Fuchs (2010). As mudanças propiciaram um texto mais enxuto e pontual nos aspectos teóricos. Um novo título, mais curto, foi atribuído à dissertação, bem como uma nova organização dos capítulos.

Sendo esse trabalho na linha da Análise do Discurso, não se poderia deixar de mencionar as condições de sua produção, a saber: eu, autora, “falo” do lugar social de mulher, que valoriza as lutas femininas em busca da igualdade de direitos e reconhecimento, mas também já sonhei com o príncipe encantado um dia. “Falo” também do lugar social de professora de adolescentes usuários de redes sociais, observo o comportamento e o discurso de minhas alunas e, muitas vezes, percebo uma mistura de muitas referências, modelos e imagens neles. “Falo”, ainda, do lugar social de aluna de um curso de mestrado, iniciante na escrita científica e em uma condição social que exigiu, pelo menos no primeiro ano do curso, manter sua carga horária de 40 horas-aulas.

O trabalho aqui apresentado é, portanto, o fruto de muitos finais de semana, feriados e horas de lazer sacrificados. Mas é, também, motivo de grande empolgação e entusiasmo porque marca o início do meu percurso no mundo da escrita científica. Esse percurso teve continuidade no doutorado, quando estudei a constituição discursiva do corpo feminino, ao longo do século XX e XXI. A partir da tese, lancei o e-book *A silhueta feminina entre pesos e medidas*, que está disponível para download gratuito.

Introdução

Ao longo de sua vida, a adolescente recebe diariamente referências femininas que constroem seu imaginário do que é ser mulher. Do senso comum e da sociedade em geral vêm muitas das imagens que permeiam o universo feminino: a menina comportada de vestido de renda e fita no cabelo, a mocinha debutante na festa de seus quinze anos, a donzela encapulada, a esposa dona da casa e rainha do lar, a mãe “leoa” defensora da “cria”, a feminista contestadora e brigona, entre tantas outras. Dos contos de fadas ouvidos na infância têm-se as imagens das princesas, das fadas, das bruxas, da serviçal (gata borralheira) e das madrastas más. Na contemporaneidade, é comum observar nas mídias a exploração da imagem feminina da “gostosona” da academia com suas curvas perfeitas, da manequim das passarelas, das atrizes e cantoras que acabam por se tornar padrões de beleza feminino.

Ah, mulheres, quantas imagens as constituem sem que nem se deem conta disso. Quantas indagações rondam seu orbe! Ah, mulher, cantada em verso e prosa, louvada em rimas e canções, ora idolatrada, ora desmerecida; por tempos, desvalorizada e julgada como incapaz para tantos assuntos. Em outros momentos, ressurgida na figura destemida da luta por igualdade de direitos. No âmbito histórico, a mulher tem sempre um papel social definido por determinado grupo que, dependendo de interesses econômicos, culturais e ideológicos, cria a imagem ideal para o que se necessita naquele momento. Quase sempre essa mulher nem se dá conta de que esta construção identitária do feminino não é feita por ela, mas que ela apenas entra nesse processo de construção. Participa muitas vezes dessa construção discursiva como atriz principal ou somente como coadjuvante enredada no sonho de ter conquistado espaço e valor (social, cultural, econômico, pessoal). Tudo isso revela uma trajetória de construção e desconstrução de modelos femininos ofertados pela mídia, pela sociedade, pela família e outros.

A afirmação de Simone de Beauvoir, na obra “Segundo Sexo”, de que não se nasce mulher torna-se mulher, corrobora a ideia de que a imagem do feminino é uma construção discursiva ancorada nas condições sociais, históricas, culturais e ideológicas de dada sociedade: é seu reflexo.

O estudo aqui apresentado, fruto de minha dissertação de mestrado, objetivou investigar as formações imaginárias que revelam as representações que adolescentes fazem da mulher contemporânea, mais especificamente, aquelas que se encaixam em duas construções discursivas imagéticas contraditórias: a da Cinderela e a da Luluzinha presentes na rede social Tumblr. Para cumprir este intento, meus objetivos foram: a) observar as práticas de leitura e escrita que formam os discursos sobre a mulher: principais temas, imagens, fotos, problemas apontados, seus gostos, suas preferências, seus anseios, suas angústias e medos, entre outros; b) identificar no processo de elaboração discursiva, verbal e não verbal, as imagens discursivas que o condicionam e as quais remetem aos mecanismos de funcionamento da linguagem: as relações de sentido, as relações de força, e a antecipação condicionada pelas formações imaginárias; c) verificar quais representações do feminino emanam dessas formações imaginárias: a da Luluzinha ou da Cinderela e se estas ressignificam tais imagens ou apenas repetem “um já dito”, “um já lá”.

Pêcheux (1995), a partir da concepção de imaginário lacaniana, define formações imaginárias como o resultado de processos discursivos anteriores, ou seja, são antecipações, das relações de força e sentido, que o enunciador/emissor projeta de si e de seu(s) interlocutor(es)/receptores. Tais projeções criam representações imaginárias que servem de elementos norteadores para que o enunciador estabeleça suas estratégias discursivas. Tal base se ampara, num primeiro momento, no lugar de onde o sujeito fala e dos lugares que seu(s) interlocutor(es) imaginariamente ocupa(m) para receber o discurso. Esses lugares determinam as relações de força no discurso, o jogo de imagens: dos sujeitos entre si, dos sujeitos com os lugares que ocupam na formação social e dos discursos já proferidos, dos “já-lás” possíveis e dos imaginados pelo locutor.

Assim, é possível observar na rede social Tumblr as condições de produção discursiva das adolescentes e os jogos de imagens que elas atribuem a si mesmas e aos seus interlocutores no processo de interação dentro do espaço virtual. Tal observação coaduna o comentário de Courtine (1981) acerca de que o conceito de formação imaginária permite que se deslize para a noção de interação individual.

Dentro do universo feminino e de como ele se mostra, recortaram-se duas formações imaginárias: a da Cinderela¹ materializada no discurso romântico dos contos de fadas, da busca por um relacionamento estável e socialmente constituído, em que a mulher é submissa e o homem é quem gerencia a relação; e a da Luluzinha² materializada no discurso da não aceitação da exclusão da mulher no universo masculino, do não convencional, em que os relacionamentos não precisam ser institucionalizados, mas sim devem pautar-se na liberdade igualitária, na mulher autônoma e na relação que pode ser gerenciada pelos “dois”.

A pesquisa aqui apresentada centrou-se no arcabouço teórico da Análise do Discurso de linha francesa, doravante AD, baseando-se nas concepções de Michel Pêcheux, no que tange à memória discursiva, às condições de produção e às formações imaginárias e discursivas. O sujeito discursivo é constituído por diferentes vozes sociais, historicamente marcadas, permitindo-se, assim, pensar o discurso da adolescente como resultado da fusão dos diversos papéis e posições que as mulheres assumiram/assumem ao longo da história.

Meu trabalho também considerou a perspectiva discursiva da leitura, pela qual o sujeito discursivo é resultado de diversos gestos de leitura que realizou ao longo de sua vida, não somente a leitura de livros e textos, mas também a leitura do mundo ao seu redor, de

1 Não tomamos como referencial teórico as concepções de Cinderela dos trabalhos da Psicologia ou da Psicanálise. Amparamos apenas nos conceitos de formação imaginária peuchextianos.

2 Não tomamos como referencial teórico as concepções de Luluzinha dos trabalhos da Psicologia ou da Psicanálise. Amparamo-nos apenas nos conceitos de formação imaginária peuchextianos.

tudo que lhe é dito, visto, observado, registrado, percebido. Portanto, considerou-se a garota desse século XXI como o resultado de todas as leituras com as quais se defrontou do nascimento até a adolescência. Essa leitura de mundo confronta ideologias, gerando (re)significações marcadas pela interdiscursividade que passam a constituir a memória discursiva do sujeito.

Meu objeto de estudo constituiu-se dos discursos indicados como de adolescentes do sexo feminino entre 12 e 15 anos postados na rede social Tumblr, mais precisamente em oito endereços, no período de maio de 2011 a dezembro de 2012. A seleção desses discursos se deu pela observação de endereços de Tumblrs de alunas do ensino fundamental³, os quais foram fornecidos pelas mesmas e que são de domínio público na internet. Dessas postagens, foram feitos recortes e selecionados 04 para serem analisados. A primeira análise, mais breve, consta do primeiro capítulo e as demais constituem o último.

Para alcançar meu objetivo principal, observei as condições de produção e as formações imaginárias e discursivas nas quais esses discursos se materializaram. Contextualizei a contemporaneidade, refletindo sobre a cibercultura e o ciberespaço, que alteram a manipulação da informação e da interação dos sujeitos, bem como propiciam “novas” práticas de leitura e de escrita. Assim, o Tumblr é considerado um dispositivo da cibermídia que propicia a reconfiguração do diário utilizado pelas adolescentes de outrora. Escreve-se no Tumblr tal qual se escrevia em um diário, sem, no entanto, ser de maneira secreta. O dispositivo revela as práticas de leitura e escrita que demonstram as relações interpessoais das adolescentes, as quais são caracterizadas pelo filósofo Bauman como rápidas e fluidas, gerando no sujeito uma “crise de identidade”⁴.

3 Para preservação da privacidade e por questões éticas, não será mencionado nome da escola e nem das alunas, as quais serão aqui tratadas por usuárias.

4 Crise de Identidade – nome adotado pelo sociólogo Zigmunt Bauman (2005) ao conflito vivido pelo sujeito na contemporaneidade, pois esse tem a seu dispor uma série de identidades advindas da globalização entre as quais pode escolher, gerando assim escolhas momentâneas que ao longo do tempo são abandonadas por outra. A

A seguir, apresento as principais funcionalidades da rede social Tumblr, para que o leitor compreenda a análise que será feita.

- Você pode postar facilmente **fotos, textos, citações, links, conversas e música** (com a limitação de uma mp3 por dia).
- A integração do site com o Vimeo possibilita a **postagem de vídeos**.
- “**Seguir**” e ser “seguido” é a forma mais fácil de acompanhar as postagens de seus amigos.
- Na *Dashboard*, seu painel de controle, você encontra os dados dos seus blogs e **acompanha as atualizações dos usuários que você segue**. Como no Twitter, você não precisa atualizar para ver se há posts novos: um balão vermelho aparece no topo da página te dando os números de novas postagens.
- Você pode **Reblogar** o que qualquer outro usuário do Tumblr postou e qualquer um pode *Reblogar* os seus posts, mas não se preocupe, o crédito estará lá – junto com uma lista de “**notes**” que mostram todos os outros que *reblogaram* aquilo também.
- E há os **Favoritos**, onde o post vai para uma lista que reúne itens que você gosta.
- O **agendamento** dá possibilidades diferentes. Você pode **criar filas** onde os posts serão publicados posteriormente, na frequência que você determinar.
- Blogs podem ser trancados com **senha**, priorizando a sua privacidade e possibilitando a **criação de uma espécie de diário** ao qual só você, e quem você resolver, tem acesso.
- Há uma lista enorme de **templates prontos** que permitem que seu blog fique bonito com apenas alguns cliques. Além disso, você pode **customizar o seu próprio layout** ou buscar alternativas em sites que os distribuem gratuitamente.

identidade não é mais permanente, mas transitória, escolhe-se pertencer a uma mais adequada ao momento, desfazendo-se dela quando já não é mais conveniente.

- O Ask Me possibilita a criação de **formulários de perguntas** anônimas ou não, como o do Formspring, diretamente no seu Tumblr.
- **RSS automático** facilita para que as pessoas que não possuem cadastro no site possam acompanhar seu microblog.
- A utilização de **tags** e a criação de **blogs coletivos** também fazem parte do serviço.
- Sua url no Tumblr pode ser substituída por um **domínio próprio**.
- **Postagem direta de celular** é facilitada pelo **redimensionamento automático das imagens** e pelo upload de vídeo diretamente para o Vimeo. Além disso, os layouts do site são apropriados para leituras em dispositivos portáteis.
- A **integração com diversas outras plataformas e ferramentas** (Delicious, Digg, WordPress, Blogger, Livejournal, Facebook, Twitter, Google Analytics, Flickr etc.) abre um novo mundo para o que deveria ser apenas um serviço “simples”.
- Essa integração também pode ser utilizada para prática de **lifestreaming**, técnica na qual você reúne todas as suas criações da internet em um único local.

Fonte: <http://iemai.com.br/blog/2010/01/29/o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-tumblr/>. Acesso em: 11 out. 2012.

Não fiz a análise da(s) identidade(s) em si, mas considerei que as formações imaginárias são elementos primordiais para a construção da representação das identidades, uma vez que estas formações antecipam as projeções das características de ser mulher que servem de elementos norteadores para que o enunciador estabeleça suas estratégias discursivas presentes em suas postagens. Nessas postagens, ora se tem um discurso em defesa de ser a mulher independente, ora de ser a mulher à procura do par ideal, ora ainda a mulher dividida entre o desejo de ser independente e, ao mesmo tempo, ser aquela que consegue realizar o sonho de encontrar o par perfeito.

Tudo isto contribui para fomentar a crise da identidade, uma vez que o sonho de Cinderela numa sociedade líquida moderna tem mil e uma faces. Logo, nenhum desses aspectos poderia ter sido desconsiderado, visto que constituem o momento histórico e sociocultural da produção dos discursos analisados.

Metodologicamente, atuou-se da seguinte maneira: pesquisa e seleção das fontes de informação a respeito do tema apresentado; estudo bibliográfico de obras do campo da AD, visando a problematização das condições de produção discursivas das adolescentes na rede e, assim, identificar nas postagens as referências às imagens de Cinderela e Luluzinha; apreciação de obras e artigos sobre os conceitos que envolvem a cibercultura, o ciberespaço e a cibermídia⁵; exame de obras e textos que tratam da história da leitura e da história da mulher e, por fim, a descrição e os usos da ferramenta Tumblr.

Para explicar os conceitos que utilizei, as hipóteses e as análises, organizei este texto em quatro capítulos sucintamente descritos a seguir.

O primeiro é teórico, contextualizando o surgimento da AD e enfatizando os conceitos de discurso, ideologia, memória discursiva, condições de produção e formações imaginárias. A primeira análise está nesse capítulo.

O segundo capítulo aborda a leitura e a escrita como efeito de sentido, ou seja, na perspectiva discursiva, aliando os estudos culturais da contemporaneidade. Esse capítulo também descreve as particularidades da rede social Tumblr, o suporte midiático dos discursos analisados.

O terceiro capítulo apresenta as duas imagens femininas usadas no título dessa pesquisa: Cinderela e Luluzinha, ressaltando a ideologia que emerge de cada uma delas através da observação do momento

⁵ O termo cibermídia foi cunhado por McAdams jornalista americano que a entende como um conjunto de mídias existentes fixas e móveis. Ver: MCADAMS, M. *Cyberspace: two flavors*. Disponível em: <http://mindymcadams.com/cybermedia/cyberspace.htm>.

sócio cultural e histórico no qual foram criadas e a (re)significação que as adolescentes fizeram/fazem dessas imagens.

Para finalizar, no quarto capítulo apresentam-se as análises de três das postagens selecionadas.



DISCURSO, FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS, CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO NO TUMBLR:

reflexões teóricas

Apresento neste capítulo os principais conceitos mobilizados na perspectiva discursiva, advindos de Michel Pêcheux e de outros que contribuíram para a construção do que se denomina Análise de Discurso Francesa.

1.1. Efeitos de sentido entre interlocutores: nas malhas do discurso

No senso comum, o termo “discurso” remete à ideia de um texto previamente preparado para ser lido em uma dada ocasião, por exemplo, os discursos das festas de casamento, aniversário e formatura, pré-escritos e lidos em momentos de euforia, de despedidas ou de comemorações, ou ainda os discursos de políticos proferidos em um palanque.

Ferdinand de Saussure faz a dicotomia entre *langue/parole*, mas opta por estudar apenas a *langue*. Na constituição da AD, a concepção atribuída ao termo “discurso” não se atrela nem a *langue* nem a *parole*; trata-se de um novo conceito pensado por Pêcheux a partir da releitura que faz de Saussure. Isto não quer dizer, no entanto, que Saussure pouco contribuiu para o avanço da Linguística, pelo contrário, reconhece-se, na AD e neste trabalho, a importância dos estudos saussurianos e compreende-se que, para aquele momento histórico, definir um objeto de pesquisa que fosse social e não individual, como é a fala, deu à Linguística um rigor teórico do qual ela precisava para tornar-se ciência.

Contudo, nenhum estudo científico deve estagnar-se e, obviamente, o mesmo não ocorreu com a Linguística.

Uma vocação privilegiada do pensamento é transformar e transformar-se, visto que nele não há nem deve haver unidade estrita nem identidade absoluta em seus deslocamentos pelo tempo e pelo espaço. A alma das ideias materializa-se no corpo da história, corpo esse constituído por relações sociais de consenso e de conflito, por um conjunto heterogêneo de práticas e de representações que se modificam ao sabor das diversas épocas e lugares. (PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 7).

Os anos finais da década de 1960 trouxeram “novas” ideias às ciências já consolidadas, instaurando um campo propício ao desenvolvimento de várias teorias. A Gramática Gerativa aparecia propondo novos avanços ao estruturalismo linguístico; os estudos althusserianos balançavam o pensamento ortodoxo; a psicanálise de Lacan perpassava outros campos do saber. Época de coadunação teórica e de interdisciplinaridade, terreno propício para o surgimento de um campo do saber transdisciplinar perpassado por outros: o que hoje se denomina Análise do Discurso Francesa.

Nessa nova conjuntura científico-social, seria inviável confinar os estudos linguísticos a meras análises léxicas que limitavam esse campo de pesquisa a estudos literais e descontextualizados. Pêcheux propunha a “aventura teórica do discurso” ao observar que as situações que originaram um enunciado impregnam-no de sentido. Fundava-se a Análise do Discurso, conhecida no Brasil como linha francesa, na qual o discurso é um objeto que agrega em si muito mais do que a materialização das palavras contidas nele, mas sim o extralinguístico: a história, o social, a ideologia, as relações de saber e poder e outros.

Estudar o discurso é fazê-lo por meio da observação da língua em funcionamento, a qual funciona por meio dos sujeitos que a utilizam. O discurso ao ser materializado, por meio da linguagem, traz em seu bojo as relações extralinguísticas que se fazem com a história e o social. Portanto, o discurso é processo, movimento e materializa-se na articulação entre a língua, o histórico e o ideológico.

Para melhor compreender a significação de discurso mediante a perspectiva da AD, recorre-se ao Glossário de Termos do Discurso, elaborado pela Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Leandro Ferreira, em 2001, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que assim o conceitua:

Objeto teórico da AD (objeto histórico-ideológico), que se produz socialmente através de sua materialidade específica (a língua); prática social cuja regularidade só pode ser apreendida a partir da análise dos processos de sua produção, não de seus produtos. O discurso é dispersão de textos e a possibilidade de entender o discurso como prática deriva da própria concepção de linguagem marcada pelo conceito de social e histórico com a qual a AD trabalha. É importante ressaltar que essa noção de discurso nada tem a ver com a noção de *parole*/fala referida por Saussure (FERREIRA, 2001, p. 14).

Percebe-se que, para a AD, a concepção de discurso é ampla, abarcando, além da materialidade linguística, também a história e a ideologia envolvidas numa determinada enunciação. Isso implica dizer que o discurso não existe sem uma materialidade linguística que o externe.

Nesse sentido, argumenta Orlandi (2005, p. 15), “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando”.

Sem aprofundar uma análise, tarefa realizada com mais acuidade na parte de análise das postagens, faz-se uma breve interpretação da figura 1. Trata-se de uma imagem que foi postada por uma usuária adolescente em seu Tumblr de endereço <http://e-n-d1.tumblr.com/>, em junho de 2012.

ESQUECE TUDO E FICA SÓ COMIGO.

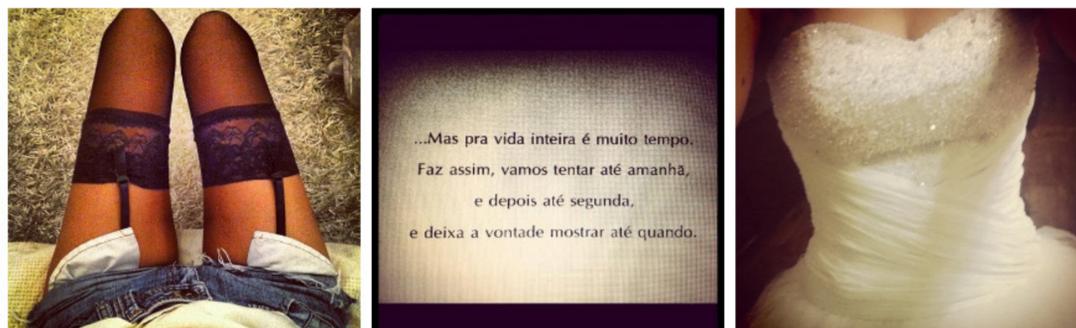


Figura 1 - Um discurso na rede social Tumblr
Fonte: TUMBLR.COM, 2012.

O discurso presente no enunciado “*Esquece tudo e fica só comigo*” é acompanhado de três imagens: a primeira da esquerda (uma mulher vestida de *shorts* jeans e cinta liga, o ângulo da foto mostra a perspectiva do olhar que se fixa do alto para baixo, e salta aos olhos do leitor as pernas dobradas e as coxas vestidas de meia cinta liga pretas). No centro tem-se outra imagem de uma folha em branco com os dizeres: *... Mas pra vida inteira é muito tempo. Faz assim, vamos tentar até amanhã, e depois até segunda, e deixa a vontade mostrar até quando.* Na lateral direita, tem-se a imagem de meio corpo de mulher vestida de noiva, tecido branco, ressaltando ao olhar os detalhes de pequenas contas (aparentemente cristais) bordadas na parte do busto e logo abaixo o tecido delicado e esvoaçante costurado em viés, de onde se sugere o início da saia do vestido.

Se o discurso é efeito de sentido entre interlocutores, como afirma Pêcheux e Fuchs (2010), logo, deve-se pensar quais efeitos a materialização das palavras criam ao serem pronunciadas ou escritas ou vistas. Mas o que seriam os efeitos de sentido? O conceito de efeito de sentido aparece em Pêcheux e Fuchs (2010, p. 169-172), quando Pêcheux afirma que:

[...] a produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a “matriz do sentido”. Isto equivale a dizer que é a partir da relação no interior desta família que se constitui o efeito de sentido, assim como a relação a um referente que implique este efeito. [...] a língua constitui o *lugar material* onde se realizam estes efeitos.

No dicionário de Análise de Discurso de Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau, observa-se que a noção de efeito de sentido está ligada à noção de discurso, que será melhor explanada abaixo, e esta é fulcral para a teoria discursiva e também possui diversas distinções. Logo, corrobora-se aqui com a citada por Charaudeau e Maingueneau, (2004), os efeitos de sentido relacionam-se à multiplicidade de valores possível a uma unidade do discurso, por exemplo, as infinitas paráfrases, relacionadas tanto ao processo histórico-ideológico quanto às relações de força, de saber e de poder.

Diante do exposto, percebe-se que o discurso enunciado na figura 1 é um enunciado dividido, na medida em que as palavras assumem um tom de súplica, de alguém que deseja ser a única e ter a exclusividade. Já o discurso imagético propõe o relacionamento descompromissado do casamento, na medida em que se deve deixar “a vontade mostrar até quando”.

O erotismo da imagem da cinta liga sugere a relação afetiva mais íntima sem necessariamente haver um contrato de casamento. A imagem centra-se na parte inferior do corpo da mulher sugerindo o discurso da liberdade sexual, sem a mulher ser levada à condição de leviana, mas de mulher sensual que tem direito, assim como o homem, de escolher quando a relação íntima acontecerá.

No entanto, a posição das imagens evidencia o conflito interno de uma adolescente já que no título da postagem escolhe uma tipografia que enfatiza o seu real desejo de ser a única, mas na imagem e no texto verbal em tipografia menor, simulando a escrita, mostra-se outro: não precisa ser a única para vida inteira, só enquanto houver vontade.

Trata-se, portanto, de um discurso pelo qual o sujeito exteriorizou seu pensamento a respeito de relacionamento, institucionalizado ou não. Mostra também os efeitos de sentido da contradição, da dúvida, do desejo de viver o momento e que ele seja hoje, amanhã e depois e depois e quem sabe culmine no íntimo desejo da Cinderela, que é casar com o vestido branco e todos os sonhos que acompanham a imagem do vestido. Na realidade, retrata-se a Cinderela atual, que não precisa mais esperar o casamento para consumir a relação íntima e, também, o poder de sedução da mulher de fazer o seu companheiro desejar ficar para sempre e assumir o compromisso, sem estar estigmatizada como a mulher que sempre pressiona o homem a casar.

Voltando ao enunciado título da postagem “*Esquece tudo e fica só comigo*”, a enunciadora estabelece, por meio do verbo “esquecer” conjugado no imperativo, a ordem do apagamento de todas as convenções sociais pelo sujeito masculino. Mas, ao mesmo tempo, cobra desse sujeito a fidelidade, presente no advérbio “só”, somado ao pronome pessoal do caso oblíquo “comigo”. Mais uma vez, a divisão entre esquecer e fazer o que a sociedade preconiza: ser fiel. Desprezar a sociedade *versus* atender a sociedade.

O sujeito não vive sozinho, está sempre inserido em uma ordem social, na qual se confrontam ideias e representações usadas para justificá-la e/ou explicá-la, como no exemplo acima. A instituição casamento sofreu desde a década de 1970, quando da lei do divórcio⁶, várias ressignificações. Isto mostra que esses efeitos estão intimamente ligados ao modo de pensar e de dizer de dado grupo social, ou seja, a sua ideologia, a sua história.

A AD considera a ideologia como sendo um ponto de vista de uma classe social a respeito da realidade; ou seja, como uma classe social ordena, justifica e explica a ordem social vigente em um determinado momento. Como a estrutura social é sempre estratificada, não haverá uma única classe social, portanto, não há uma única ideologia e, assim, os

6 Ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm

sujeitos vão se entrepondo a “ideologias que não são nem ‘individuais’ nem universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 166).

Por isso é que, para a AD, o discurso revela diferentes posições, ou lugares socioideológicos, dos sujeitos. O sujeito discursivo não é o indivíduo em sua particularidade, mas inserido num espaço coletivo; um sujeito que participa da vida em sociedade e, por isso, nela interfere, ao mesmo tempo em que também é afetado por ela. Portanto,

[...] trata-se de um sujeito não fundamentado em uma individualidade, em um “eu” individualizado, e sim um sujeito que tem existência em um espaço social e ideológico, em um dado momento da história e não em outro. A voz desse sujeito revela o lugar social; logo, expressa um conjunto de outras vozes de dada realidade histórica e social; de sua voz ecoam vozes constitutivas e/ou integrantes desse lugar sócio-histórico (FERNANDES, 2008, p. 24-25).

O sujeito discursivo é resultado da relação entre sua linguagem, o momento histórico em que vive e as ideologias presentes nesse momento.

Ao retomar a análise do discurso da figura 1, o sujeito adolescente feminino é o resultado dos processos discursivos que se encontram em circulação em dado momento. Como no exemplo, pode-se perceber que o conflito em relação a posicionar-se diante da instituição casamento ou em relação íntima sem esse contrato se faz das ideologias presentes na contemporaneidade que estão na mídia, na escola, na família e etc. A título de exemplificação, pode-se citar a reportagem de Notícias do IPiau⁷, em que a manchete da notícia se faz: *Viver é preciso, casar não é preciso*.

7 ver: <http://www.noticiasdeipiau.com/2010/03/02/viver-e-preciso-casar-nao-e-preciso/>

Para a AD, diferentemente da concepção linguística de sujeito falante, o sujeito que fala é, portanto, um sujeito falando inserido em um momento histórico, social e ideológico. A sua voz é, conforme Fernandes (2008, p. 26), “constituída de um conjunto de vozes sociais”.

A Análise do Discurso busca compreender o sujeito discursivo, o homem falando, através do reconhecimento das várias vozes que compõem seu discurso. Essas vozes emergem das condições ideológicas, históricas e sociais que possibilitaram o aparecimento de um dado discurso e não de outro em seu lugar.

No momento em que se produz o discurso, o sujeito põe em evidência não somente a si, mas também a um conjunto de sujeitos que comungam de uma mesma ideologia, de um mesmo modo de pensar e de dizer. Por conseguinte, seu discurso também marca a oposição à ideologia contrária à do seu grupo. Assim sendo, um determinado discurso sempre revelará, pelo menos, duas vozes das quais se apreendem ideologias contrastantes entre si. Um discurso jamais será puro, completamente homogêneo, ao contrário, revelar-se-á sempre polifônico, um misto de todas as vozes sociais que o perpassam naquele momento histórico.

É nesse sentido que, para a AD, o sujeito apresentará sempre um discurso heterogêneo, resultado de uma constituição polifônica e de elementos variados. Para reafirmar essa concepção, citamos Ferreira (2001, p. 17): “todo discurso é atravessado pelo discurso do outro ou por outros discursos. Estes diferentes discursos mantêm entre si relações de contradição, de dominação, de confronto, de aliança e/ou de complementação”.

A perspectiva polifônica do sujeito discursivo encontra a dimensão do descentramento do sujeito discursivo, em Authier-Revuz (apud FERNANDES, 2008):

Para esboçar o conceito de heterogeneidade, Authier-Revuz reflete sobre a relação do sujeito com a linguagem a partir de considerações, também, de natureza psicanalítica possibilitadas por Freud e suas releituras efetuadas por Lacan. Essa perspectiva corrobora a compreensão do sujeito como descentrado, considerando que *sempre sob as palavras “outras palavras” são ditas*. O sujeito tem a ilusão de ser o centro de seu dizer, pensa exercer o controle dos sentidos do que fala, mas desconhece que a *exterioridade está no interior do sujeito*, em seu discurso está o “outro”, compreendido como exterioridade social (FERNANDES, 2008, p. 29-30, grifos do autor).

A heterogeneidade discursiva reforça o aspecto polifônico do sujeito e ao mesmo tempo ressalta o descentramento desse. Assim, considerar a heterogeneidade do discurso implica considerar que o produtor do discurso também seja heterogêneo. Portanto, para a AD, o sujeito é constituído não apenas de si mesmo, mas também pelos outros que se revelam nas muitas vozes presentes no seu discurso.

Ao se manifestar discursivamente, o sujeito pode vir a exprimir uma memória coletiva dos discursos com os quais já se confrontou, ouviu, considerou ou desconsiderou ao longo de sua história. Para manifestar-se, o sujeito aciona sua memória discursiva, ou seja, resgata vozes e discursos que não são originalmente seus.

A noção de memória discursiva, cunhada inicialmente por Courtine (1981), não se refere a lembranças que temos do passado, a recordações que um indivíduo tem do que já passou. Como atesta Pêcheux (1999a, p. 11): *a estruturação do discurso vai constituir a materialidade de uma certa memória social*. Esse espaço de memória como condição de funcionamento discursivo constitui um corpo sócio-histórico-cultural. Os discursos exprimem uma memória coletiva na qual os sujeitos estão inscritos. (FERNANDES, 2008, p. 45).

A memória discursiva é o resultado de um confronto entre várias interpretações que coexistem em um determinado momento, em uma determinada formação social. É coletiva porque não pertence a um único sujeito, mas a toda uma coletividade que comunga de uma mesma ideologia e por meio dessa tenta explicar a forma pela qual a sociedade está organizada. Os discursos das diferentes classes sociais, dominantes *versus* dominadas, são conflitantes, já que cada uma possui sua ideologia e explica a estratificação social à sua maneira.

A memória discursiva é fruto de acontecimentos anteriores e exteriores ao momento da produção do discurso e atua no momento de sua materialização. O discurso produzido será sempre marcado pela interdiscursividade, ou seja, pela presença, ainda que inconsciente, de discursos anteriormente proferidos. O discurso revelará a posição social do sujeito e também as conflitantes a sua à proporção que reforça a ideologia de sua classe e nega as adversas.

Na figura 1, o sujeito discursivo fala do lugar social de adolescente, inserido numa contemporaneidade com valores antagônicos. Se, de um lado, as adolescentes do grupo em análise podem ter crescido ouvindo contos de fadas nos quais as donzelas têm sempre finais felizes ao lado de um príncipe encantado, de outro, podem ouvir letras de música que exaltam a sexualidade, podem assistir a cenas com alto apelo sexual nas novelas, filmes e seriados. A moda incita o uso de roupas e acessórios provocativos, as revistas *teen* trazem reportagens que falam abertamente de sexo. As baladas que frequentam possibilitam os encontros casuais nos quais os beijos e abraços sem compromisso acontecem frequentemente. As adolescentes desse momento convivem com laços familiares facilmente desfeitos, fim de casamentos de seus pais e dos de seus amigos, do desabrochar de novas relações pessoais, como as de casais de mesmo sexo. É desse lugar que essa adolescente fala, é dessa história de vida que vem seu discurso, que vai silenciando alguns e resignificando outros.

Como já observado e analisado na figura 1, algumas escolhas lexicais resgatam o discurso da união estável, em “*Esquece tudo e*

fica só comigo” esse sujeito marca-se como alguém disposto a manter um relacionamento estável, pois o advérbio “só” colocado ao lado do pronome oblíquo “comigo” reforça a ideia da estabilidade.

Já no discurso imagético, observa-se que há um contraponto entre o preto das meias cinta-liga e o branco do vestido de noiva, à medida que o primeiro remete à ideia de um relacionamento rápido e/ou passageiro, retomando assim o discurso da liberação sexual, o segundo remete à união socialmente instituída, sacramental e estável.

Nesse sentido, a imagem da cinta-liga pode negar os dizeres do linguístico, já que, um relacionamento casual, no modo de pensar de muitas pessoas, contraria a ideia do enunciado “só comigo”, por outro lado, esse mesmo enunciado comunga o imagético do vestido de noiva.

Ambos discursos, o da estabilidade no relacionamento *versus* o dos relacionamentos casuais, povoam a memória discursiva das adolescentes, ora chocam-se, ora coadunam-se e vão sendo ressignificados ao longo dos tempos. Nessa postagem, coexistem. O resultado é a heterogeneidade.

1.2 Condições de produção: o extra-linguístico presente no discurso

Nenhum discurso é casual, mas sim resultado de uma série de situações pré-existentes a ele. Nesse sentido é que a AD afirma que existem condições que permitem que um(ns) discurso(s) apareça(m) em um determinado momento sócio-histórico cultural e, em contrapartida, outro(s) se silenciem.

As condições de produção dizem respeito aos aspectos históricos, sociais e ideológicos que possibilitaram ou determinaram a produção de um discurso, ou seja, tudo o que interfere direta ou indiretamente na sua exteriorização.

Assim, pode-se pensar que, ao longo da história, o discurso da adolescente sofreu (re)significações e (re)interpretações, foi amalgamando discursos anteriores ouvidos desde sua infância, arquivados em sua memória discursiva. Esses discursos são confrontados com novos discursos produzidos pelas mídias, por outras adolescentes, pela família, pela escola, pela sociedade que afirma que a mulher não pode ser dona de casa, que a mulher deve ser independente financeiramente, etc.

Todos esses discursos vão se misturando. Alguns, por exemplo, o da mulher que tem como profissão ser dona de casa, vão sendo apagados. Em contrapartida, outros vão se consolidando, à medida que há um terreno fértil para a ideologia que defendem. As condições de produção estabilizam as relações de força no interior do discurso e colaboram para que os sentidos se estabeleçam.

O sentido de uma sequência só é materialmente concebido na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou àquela formação discursiva. [...] Trata-se de um “efeito de sentidos” entre os pontos A e B. [...] Os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais. [...] A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 169).

Portanto, para a AD, o sentido de um enunciado terá sempre um caráter múltiplo e não uma significação única. Assim, algo que é dito pode suscitar não apenas um, mas vários sentidos. Os diversos sentidos surgem como efeitos de sentido entre os sujeitos envolvidos numa dada enunciação. Por isso, Pêcheux e Fuchs (2010) definem o discurso como “o efeito de sentido entre interlocutores”.

Sendo assim, não se considera o sentido como um significado imanente em um enunciado, tampouco uma ideia encerrada em si. De um mesmo enunciado, podem se extrair vários efeitos de sentido.

Essa noção encontra lugar também em Foucault (1995, p. 31), quando esse diz: “Não estou afirmando um sentido, mas sim que da forma como foi manifestado, pode ser aquele um dos sentidos possíveis, entre outros, a multiplicidade de sentidos”.

Ao se produzir um discurso, o lugar social ocupado pelo sujeito falante pode ser determinado pela escolha lexical que esse fez. A linguagem é o instrumento usado para manifestar a ideologia e o posicionamento e dessa escolha resultarão sentidos.

Portanto, na construção dos sentidos coadunam-se escolha lexical, história, ideologia e posição social. Os sentidos decorrem das ideologias do sujeito e da forma como concebem a realidade política e social em que se inserem.

Como atesta Robin (1973 apud FERNANDES, 2008, p. 18), “busca-se verificar, a partir de enunciados efetivamente produzidos em determinada época e lugar, as condições de possibilidade do discurso que esses enunciados integram”. Assim, essa ideia reitera o papel das transformações históricas para a compreensão da produção dos discursos, seu aparecimento em determinados momentos e sua dispersão. Trata-se

[...] de alguma coisa mais forte – que vem pela história e não pede licença, que vem pela memória, pelas filiações de sentidos constituídos em outros dizeres, em muitas outras vozes, no jogo da língua, que vai se historicizando [...] marcada pela ideologia e pelas posições relativas ao poder (ORLANDI, 2005, p. 32).

O efeito de sentido que um enunciado desperta no interlocutor extrapola a mensagem em si, portanto, a produção dos sentidos se dá externamente ao sujeito, por isso mesmo, foge ao seu controle e ao seu alcance. Nessa interinidade, o que importa ao analista do discurso não é “o que foi dito”, mas sim o “como foi dito” e “porque foi dito” neste momento e não em outro. É do como e porque foi dito que emergem os sentidos.

Assim, ao se observarem as condições de produção dos discursos das adolescentes na rede social Tumblr, pode-se perceber que os sentidos ali só são possíveis porque estão inseridos numa conjuntura contemporânea que possibilita às adolescentes se expressarem publicamente e não mais de forma secreta ou discretamente.

A imagem de mulher que as adolescentes assumem para si resgata discursos anteriores e (re)significa o discurso do encontro do par perfeito, contrastando-o com o da ideia do desapego às convenções. Assim, aparece um discurso de uma garota que espera o par romântico, mas que, não necessariamente, precisa se unir a ele de uma forma convencional, ou socialmente institucionalizada.

Um “novo” momento histórico sempre trará um “novo” discurso, não no sentido de originalidade, mas de significação reformulada a partir das condições sob as quais foi produzido.

Da figura 1 depreende-se a confirmação de que o discurso é produto também da história, porque esse discurso só foi possível nesse momento. Ao analisar o percurso das mulheres e a posição social que ocupavam há algumas décadas, percebe-se que nem sempre lhes foi possível assumir uma personalidade sensual, visto que a sensualidade remetia à banalização do sentimento e ao sexo sem compromisso, uma posição social que a maioria das mulheres não queriam para si.

Mas, hoje esse discurso pode existir, pois as condições sociais, históricas e ideológicas permitem que ele seja verbalizado.

1.3 Formações imaginárias: antecipações de lugares, de posicionamentos, de dizeres, de pensamentos

Todo discurso é espaço de pelo menos dois lugares sociais, pois sempre que um sujeito (A) produz um discurso, pressupõe-se a existência de um destinatário (B) também inserido na estrutura de uma formação social.

Sendo assim, o sujeito (A) fará um jogo de imagens de si (A) e do outro (B), baseadas nas relações de poder instauradas. Os lugares de (A) e de (B) aparecem no discurso através de formações imaginárias que (A) e (B) atribuem a seus próprios lugares e ao lugar do outro.

Dessa maneira, o discurso extrapola os limites da troca de informações entre emissor/receptor, resultando num jogo de “efeitos de sentido” entre sujeitos (A) e (B). O sentido é atribuído por um imaginário social. Pêcheux e Fuchs (2010 apud GADET; HAK, 2010, p. 82), partindo do conceito lacaniano de imaginário, definiram que “as formações imaginárias sempre resultam de processos discursivos anteriores”.

[...] o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Se assim ocorre, existem nos mecanismos de qualquer formação social regras de projeção, que estabelecem as relações entre as situações (obviamente definíveis) e as posições (representações dessas posições) (PÊCHEUX apud GADET; HAK, 2010, p. 82).

Nos processos discursivos, observa-se o funcionamento de uma série de formações imaginárias, que segundo Pêcheux são:

IA(A): Imagem do lugar de (A) para o sujeito colocado em (A) - Quem sou eu para lhe falar assim?

IA(B): Imagem do lugar de (B) para o sujeito colocado em (A) - Quem é ele para que eu lhe fale assim?

IB(B): Imagem do lugar de (B) para o sujeito colocado em (B) - Quem sou eu para que ele me fale assim?

IB(A): Imagem do lugar de (A) para o sujeito colocado em (B) - Quem é ele para que me fale assim?

As imagens antecipadas pelos sujeitos numa situação discursiva revelam a maneira pela qual a posição dos participantes do discurso interfere nas condições de produção dos discursos, emergindo assim estratégias discursivas por parte do sujeito (A), sempre atravessadas pelo já dito e pelo já ouvido. Portanto, os já ditos e já ouvidos compõem substancialmente as formações imaginárias.

Retomando a figura 1, percebem-se nela: as posições (A) como sendo a adolescente que fez a postagem em seu Tumblr; (B) como sendo o leitor / seguidor daquele Tumblr. Sendo assim, o quadro de imagens seria:

IA(A): Imagem do lugar de (A) para o sujeito colocado em (A) - Quem é a adolescente usuária do Tumblr para falar assim?

IA(B): Imagem do lugar de (B) para o sujeito colocado em (A) - Quem é / são o(s) seguidor(es) daquele Tumblr para que (A) lhe(s) fale assim?

IB(B): Imagem do lugar de (B) para o sujeito colocado em (B) - Quem é / são o(s) seguidor(es) para que (A) lhe(s) fale assim?

IB(A): Imagem do lugar de (A) para o sujeito colocado em (B) - Quem é, para o(s) interlocutor(es), a adolescente que escreveu no Tumblr para que fale assim com (B)?

Na figura 1, (A) é a adolescente que fez a postagem. (B) é seu interlocutor. Esses dois lugares (A) e (B) são antecipados por (A). (A) vê-se no lugar social de uma adolescente da contemporaneidade, portanto, desvinculada de certas convenções sociais acerca do compromisso afetivo.

Sabe-se que os grupos sociais do ciberespaço formam-se por interesses e ideologias comuns, então, (A) imagina que (B) tenha a mesma ideologia que a sua a respeito das relações amorosas e afetivas. Por isso, para (A), o interlocutor (B) é um sujeito que também se preocuparia muito pouco com a necessidade do compromisso numa relação amorosa. Assim, (A) escolhe como estratégia discursiva a imagem das meias cinta-liga pretas para exteriorizar no seu discurso essa ideologia.

Ao mesmo tempo, esse discurso é atravessado por discursos já-ditos e já-ouvidos, por (A) e (B), por exemplo, o que considera uma jovem que mantém relações íntimas sem compromisso como uma mulher de menor prestígio ou valor. Então, (A) considera a possibilidade de que também poderá ser interpretado por (B) como sendo uma adolescente libertina. Assim, (A) também escolhe mostrar-se a fim de uma união estável escolhendo a imagem do vestido branco de modo a fazer um contraponto e gerar um efeito de equilíbrio que seja percebido por (B).

Orlandi (2005), ao refletir sobre as formações imaginárias, menciona que elas funcionam como a capacidade de o sujeito (A) colocar-se no lugar do sujeito (B) para “ouvir” o que tem a dizer, tentando assim antecipar o sentido que seu discurso produzirá nesse. Essa capacidade de antecipação faz com que (A) produza o discurso de certa maneira e não de outra, conforme imagina o efeito sobre (B).

Sobre esse mecanismo imaginário, a autora afirma que:

Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição do sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?), mas também da posição do sujeito-interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?) (ORLANDI, 2005, p. 40).

Encerra-se esse capítulo teórico reforçando que o discurso produzido pelas adolescentes usuárias do Tumblr é histórico e ideologicamente marcado, baseado nas formações imaginárias que essas garotas fazem de si mesmas, dos seus interlocutores e de seus próprios discursos.

As condições de produção em que essas imagens ocorrem se perpassam e se interferem. Esse jogo produz efeitos de sentido que possibilitam a construção do discurso.

Da mesma forma, a imagem que o leitor/seguidor de um Tumblr faz da adolescente que postou textos e imagens no Tumblr é atravessada por sua memória discursiva que permite a formação de imagens que poderão influenciar a forma como essas adolescentes são vistas pela sociedade contemporânea.

2.

REDES SOCIAIS:

*espaço de
leitura e escrita
da cibercultura*

Este capítulo contextualiza a contemporaneidade e as muitas mudanças que permeiam esse momento. Destacam-se a cibercultura e suas possibilidades de ampliação da leitura e da escrita. O ciberespaço é um ambiente propício para novas formas de relacionamento entre os sujeitos nas redes sociais.

Além disso, discorre sobre a rede social Tumblr, o espaço virtual do qual foram recortados os discursos escolhidos para este estudo.

2.1. Por “Mares nunca d’antes navegados”: relações sociais, leitura e escrita na cibercultura

O mundo deste século XXI vive numa “conexão generalizada” (LEMOS, 2010). O mundo contemporâneo encontra-se entre o real e o virtual. Camões talvez nomeasse esse grande oceano de *links* e hipertextos como “mares nunca d’antes navegados”. Já Lemos (2010) prefere tratá-lo como “uma era singular na história da humanidade, afinal essa nova dinâmica é inédita”. Para o autor, o ponto culminante dessa “nova” dinâmica é o acesso às informações e a diferença no que tange à manipulação da cultura.

Durante séculos, os meios de expressão e comunicação foram controlados por poucos. Na chamada cultura massiva, os indivíduos limitavam-se a ler informações disponibilizadas por alguns. As convergências entre telecomunicações e informática, especialmente as acontecidas no século XX e início do século XXI, viabilizaram a principal mudança, segundo Lemos (2010), no trato com a informação e a cultura: a liberação do “ponto de emissão”.

Ler no século XXI tornou-se um desafio, pois o número de linguagens e práticas de leitura em função das novas tecnologias da informação e do conhecimento é diverso e impõe novas práticas, novos saberes e poderes. (MOMESSO, 2007, p. 147).

Com essa mudança, qualquer indivíduo pôde tornar-se um produtor de conteúdo e, mais ainda, criar seu próprio nicho de divulgação. Instaurou-se uma “nova” forma de lidar com a cultura e a informação da qual emerge o conceito de cibercultura. De acordo com Lemos (2010), a cibercultura surgiu na década de 1950 com a informática e a cibernética. Popularizou-se nos anos 1970 com os microcomputadores, solidificando-se dez anos depois através da informática de massa.

A partir de 1990, com o surgimento das tecnologias digitais e a popularização da internet, a cibercultura consolidou-se como um fenômeno marcado pela manipulação do conhecimento, por “novas” formas de sociabilidade e por relações até então inusitadas entre as tecnologias, a comunicação e o homem.

Nessa nova ordem sociocultural não existem as limitações de espaço e tempo, visto que os indivíduos têm ao seu dispor instrumentos como computador, internet e celulares que permitem o acesso às informações em tempo real e de qualquer ponto de localização.

Além disso, sendo a emissão das informações coletiva e em rede, a conexão torna-se generalizada e aberta, possibilitando que os indivíduos agreguem-se, juntem-se em comunidades afins, fruto de algum interesse comum entre seus membros.

A cibercultura, portanto, é um momento ímpar no qual uma avalanche de informações e conteúdos invade a vida dos sujeitos, estabelecendo uma nova ordem sociocultural que desencadeia a (re) construção de muitos hábitos, inclusive a leitura, a escrita e o convívio

8 No original, é publicado como Oliveira. Optou-se pela denominação Momesso, pois é a assinatura atual da autora.

em rede (LÉVY, 2007). Um estudo da história da leitura revela que as mudanças ocorridas no suporte textual ao longo dos tempos alteraram a prática leitora e provocaram mudanças no comportamento dos leitores.

Ler o papiro exigia um grande esforço e limitava o ato à leitura, já que era impossível fazer anotações e segurar o papel ao mesmo tempo. Com a invenção da estrutura em cadernos, folhas e páginas, o *códex* ou *códice*, libera-se as mãos do leitor e esse pôde passar a fazer seus apontamentos e anotações. Porém, o livro ainda era um objeto de grandes proporções, não podendo ser transportado facilmente de um local ao outro, impossibilitando a leitura em qualquer lugar.

O surgimento da prensa, por volta de 1450, impulsiona a publicação dos livros menores, mais facilmente manuseáveis, instaurando o contato mais íntimo do leitor com seu livro já que esse podia ser levado para onde o leitor fosse.

As alterações mais recentes nos gestos de leitura surgiram há algumas décadas com o advento da informática. A era digital trouxe novos formatos e constituiu-se em um novo suporte textual. Tanto a leitura quanto a escrita misturam-se à própria história da humanidade. Esses dois gestos associados serviram aos mais diferentes propósitos e entremearam desde a vida particular e íntima do sujeito até a convivência em sociedade.

Dessa reflexão surge a constatação da argumentação de Orlandi (2008) que aponta a leitura como uma atribuição de sentidos. Claro, pois só assim pode-se explicar a leitura como um ato social, no qual os interlocutores envolvem-se para juntos (re)criarem o sentido dos textos/discursos.

Para a AD, ancorada nas concepções de Michel Pêcheux e Michel Foucault, o sujeito é resultado da relação da história com a linguagem e esse sujeito possui a característica de ser incompleto, buscando sua completude no outro. Então, observar gestos, práticas e preferências de leitura e escrita é também estudar o sujeito discursivo, o modo

como vê, pensa e sente o mundo. Esse sujeito, em seu processo de interação com o outro, cria e recria seus próprios sentidos e escolhe expressá-los, ou não, em seu discurso.

Pensar a leitura na perspectiva discursiva é considerar que o sujeito leitor é produto de sua história de leitura, ou seja, de que forma ele tem praticado esse hábito, que tipo de leituras fez e faz, considerando as leituras realizadas como resultado de sua história como sujeito social.

O objeto cultural livro parece ainda ser determinante para que se afirme que um sujeito seja ou não seja um leitor. Dizendo de outra forma, a sociedade sempre possuiu um discurso dominante acerca de quais leituras são mais ou menos prestigiadas, e atribui a condição de leitor apenas àqueles que faz as leituras de prestígio reconhecido.

Esse discurso se repete na contemporaneidade quando se afirma que hoje se lê menos por influência da internet. Porém, nota-se no ciberespaço, e em todas as suas ferramentas, que não é possível realizar acessos em rede sem que, a todo momento, se pratique a leitura de um enunciado qualquer, seja ele curto ou extenso do tamanho de um texto. Não há como navegar na rede sem a leitura das informações que lá circulam. Assim, não há menos leitura, mas sim “novas” formas de se ler ou “novos” gestos de leitura.

Lembre-se também que até bem pouco tempo muitos livros permaneciam como monopólio de determinadas classes sociais, muitas vezes porque esse objeto cultural ainda possui um custo relativamente alto, não sendo financeiramente acessível a todas elas.

Entretanto, a cibercultura oportunizou que a leitura atingisse até mesmo os que não dispõem de recursos econômicos para compra de livros. Muitos livros estão disponibilizados na rede, podendo ser acessados por qualquer sujeito independente de seu poder aquisitivo. Ou seja, a leitura de muitas obras clássicas, literárias, científicas ou acadêmicas está à mercê de todos que sintam vontade de realizá-la.

Essa é uma grande contribuição da cibercultura para a leitura. Há que se desmistificar a ideia do prestígio dado apenas ao objeto cultural livro, já que agora esse objeto está digitalizado. Na internet, também se lê e se lê muito. Deve-se lançar um olhar sobre as práticas de escrita, pois assim como as práticas de leitura, elas também colaboraram para os avanços da sociedade.

O Estado moderno definiu-se a partir do momento que se passou a usar a escrita para gerir o corpo social. “Philippe Ariès considerava o ingresso das sociedades ocidentais na cultura da escrita uma das principais evoluções da era moderna” (CHARTIER, 2010, p. 113). A aquisição da escrita pode ser vista como justificativa para muitas das mudanças ocorridas entre os séculos XVI e XVIII.

Mas a influência da escrita na história da sociedade não se estagnou lá atrás, ao contrário, as eminentes transformações por que passou a humanidade refletem uma nova atitude perante a escrita. Ainda se escreve para “dar voz ao sujeito”, conforme relatou Foucault (2006).

Com o advento da *Web 2.0*⁹, o usuário deixou de ser um mero espectador para tornar-se um usuário ativo, aquele que interage com o ambiente virtual não apenas lendo, mas também escrevendo.

O sujeito que navega pelo espaço virtual é um ponto de emissão de informação e, portanto, não só lê o que os outros postam, outrossim escreve. Suas postagens, seus comentários e suas reflexões sobre fatos do cotidiano e dos noticiários criam uma imagem de si na rede. Sua escrita lhe dá evidência e voz.

⁹ Em abril de 2000, as bolsas de valores viram as empresas “ponto-com” entrarem em crise mediante especulações acerca da internet. Para Tim O’Reilly, fundador da O’Reilly Media e entusiasta dos movimentos de apoio a *softwares* livres, a crise estabeleceu um marco na história e na forma como se cria e se navega na Web. Depois da crise, a rede se tornou mais robusta do ponto de vista econômico e por parte da mídia. Esta tendência foi denominada por O’Reilly e pela MediaLive International como Web 2.0. Na Web 2.0 os dados inseridos podem ser reutilizados e revisados por outros, possibilitando que alguns defeitos sejam corrigidos. Os programas passam a ser parcialmente abertos, seus códigos de análise ou *design* podem ser reutilizados. Sendo assim, a Web 2.0 permite ao usuário não apenas obter informações, mas também produzi-las. http://www.loreanebrandizzi.com.br/attachments/004_WEB_2.0.pdf.

Em Momesso (2006, p. 131), há um comentário que vem embasar a afirmação acima: “O jornalista e blogueiro americano John Batelle afirma: ‘O blog é um espaço onde as pessoas podem declarar quem são, o que querem e o que pensam’” (ÉPOCA, 2006 apud MOMESSO, 2006).

A internet estabelece, portanto, além de novos gestos de leitura, também novos gestos de escrita. A escrita que antes era particular e secreta, na contemporaneidade, tornou-se pública à medida que o sujeito teve sua vida invadida pela virtualidade. Neste século XXI, leitura e escrita têm se apresentado como atividades inseparáveis, conforme argumenta Momesso (2006, p. 127): “Século XXI: novos tempos, novas tecnologias de informação e conhecimento, novas relações de saber e poder, novos modos de ver e compreender o que nos rodeia, novas formas de interação entre escrita e leitura”.

Outro ponto importante a ser considerado na cibercultura e no ciberespaço é a possibilidade das inúmeras reconfigurações que permitem a formação e o permanente reajuste de novos ambientes de comunicação ao longo do tempo. Da cibercultura afloram novas formas de sociabilidade, de extrema relevância para a compreensão da contemporaneidade: as redes sociais.

Comunidades Virtuais, Sociedade em Rede, Tribos Urbanas – o surgimento e a popularização dessas e outras expressões atestam para o reconhecimento das rápidas e profundas alterações nas formas como nos relacionamos uns com os outros que estão em curso. [...] pesquisas da área de Ciências Humanas e Sociais [são] dedicadas a aprimorar a percepção e a compreensão que temos dessas mudanças. Seu foco de atenção recai sobre o impacto das redes digitais de comunicação (numa palavra, a Internet) sobre as relações sociais contemporâneas (FRAGOSO, 2009 apud RECUERO 2009, p. 11).

O “boom” das redes sociais, segundo Recuero (2009), está diretamente relacionado ao uso da rede para divulgar informações em grupos e entre eles, como o que aconteceu no Brasil e nos Estados Unidos no ano de 2008. Naquele país, a campanha presidencial daquele ano foi a que mais levou eleitores às urnas depois de o vídeo “Yes, we can” difundir-se rapidamente pelo YouTube e angariar cidadãos daquela nação para não perderem a oportunidade do voto. Aqui, as enchentes que devastaram Santa Catarina foram amplamente divulgadas e acompanhadas por todo país através das redes, permitindo uma ação ampla e organizada de auxílio ao estado dizimado pelas chuvas.

Segundo a autora, a partir do momento em que a comunicação entre os sujeitos foi invadida pela informática, estabeleceram-se novas formas de convívio social que possibilitam mobilização, organização e conversação. A autora nomeia esse tipo de comunicação de CMC – Comunicação Mediada pelo Computador. A CMC instaura o relacionamento virtual e cria grupos com objetivos parecidos, as chamadas redes sociais.

Entende-se por rede um sistema no qual os elementos influenciam-se mutuamente. Metaforicamente, uma rede social na *Web 2.0* é um grupo de pessoas conectado através de uma ferramenta do ciberespaço. As redes sociais popularizaram-se rapidamente, atingindo milhares de usuários ao redor do mundo. É raro, na contemporaneidade, um sujeito não possuir um perfil no Orkut, Facebook ou numa rede profissional como o LinkedIn. A figura a seguir, publicada pela revista *Veja*, edição 2.282 de 15 de agosto de 2012, página 50, seção Números, comprova a invasão das redes sociais na vida dos brasileiros.

■ Números

8 horas por mês é, em média, o tempo que os brasileiros dedicam às redes sociais, como Facebook e Twitter, segundo um estudo da consultoria americana ComScore Media Metrix. O trabalho considerou apenas os acessos feitos por meio de desktops e notebooks. Celulares e tablets não foram incluídos

5 horas é o tempo médio mundial de uso das redes. Os brasileiros ocupam a nona posição nesse ranking, à frente de americanos e japoneses. Em primeiro lugar estão os russos (onze horas), seguidos pelos argentinos (dez horas), israelenses (nove horas e trinta minutos) e tailandeses (nove horas)

8% apenas do total de computadores conectados à internet no Brasil não foi utilizado para acessar páginas de redes sociais no mês passado

1 em cada três páginas da internet acessadas pelos brasileiros é de uma rede social



MONTAGEM SOBRE FOTOS DE SHUTTERSTOCK E DIVULGAÇÃO

Figura 2 - Uso das redes sociais

Fonte: REVISTA VEJA, 2012.

Pela observação dos dados apresentados na figura, conclui-se que a rede social é uma das formas de convivência mais habituais do sujeito contemporâneo, constituindo-se numa nova forma de relacionamento. Portanto, não há como não se considerar essa nova maneira de se relacionar com o mundo em uma pesquisa que analisa os discursos de adolescentes. O ciberespaço é relevante condição de produção dos discursos das adolescentes no Tumblr ou em qualquer outra rede social.

Deduz-se ainda que o tempo de conexão em uma rede é um tempo no qual o sujeito está desenvolvendo uma nova prática de leitura e escrita, visto que nela o sujeito lê as postagens dos outros, comenta-as e faz as suas próprias postagens. Na rede em estudo, as postagens acabam por revelar as preferências de leitura das usuárias, fato que vai ao encontro de um dos objetivos específicos desse trabalho.

A CMC consubstanciada às novas práticas de leitura e escrita na virtualidade germina e alimenta o emaranhado de textos/discursos que circulam em uma rede social. Esses textos/discursos acabam por (re)significar discursos anteriores, refletem a história e as ideologias presentes na contemporaneidade. Uma rede social é, portanto, passível de ser analisada sob a ótica da AD.

2.2 Tumblr: espaço discursivo da contemporaneidade



Figura 3 – Recorte da página oficial do Tumblr
Fonte: TUMBLR.COM, 2012a.

O surgimento das redes sociais na *Web 2.0* está intimamente relacionado ao desejo estudantil de se unir pessoas com interesses em comum. Em 1999, a universidade de Stanford, nos Estados Unidos, foi palco da criação da primeira rede social, o *Napster*, nascida da paixão de um estudante pela música. Naquele ano, o jovem Shawn Fanning, então estudante de ciências da comunicação desenvolveu o primeiro programa de *downloads* do mundo, com foco em redes sociais, que compartilhava arquivos musicais.

Mais tarde, na mesma universidade, foi criado o Facebook com a pretensão de interligar apenas os estudantes daquele *campus*, mas o aplicativo disseminou-se instantaneamente, criando uma rede de proporções inimagináveis aos seus criadores. Em alguns anos, a evolução da tecnologia e da cibernética permitiu a criação e a inovação de muitas outras redes e, em pouco tempo, o mundo viu nascerem aplicativos com os mais diversos fins. Para cada desejo, há uma rede social diferente. Em cada rede social, novos gestos de leitura e de escrita.

Novas práticas de discurso e de leitura surgem com o advento da internet. Tornou-se comum, para alguns, a leitura diária de blogs [...] Todo esse processo de produção e de circulação de discursos e efeitos de sentido torna-se algo novo [...] Os *weblogs* (*web* – rede; *log* – diário de bordo) são comumente conhecidos como diário de registro digital mantido por qualquer pessoa na internet. Seu surgimento deu-se em 1997, quando o internauta John Barger publicou seu diário pessoal, no formato de uma *homepage* simples (MOMESSO, 2006, p. 129).

Os *blogs* evoluíram, apareceram o Twitter, o Flickr, os fotoblogs; interessante ressaltarmos que cada um deles foi criado para uma intenção diferente e apresentavam limitações, fossem essas no tamanho das imagens ou na quantidade de caracteres que podiam ser compartilhados. O oceano da internet polui-se de ferramentas e para cada ação era necessário conectar-se a uma delas.

Em fevereiro de 2007, os americanos David Karp e Marco Arment balançaram o mercado das redes ao criarem o Tumblr, visto que ele não era somente mais uma rede social, com alguma restrição, como as outras, mas sim uma espécie de junção de ideias e objetivos das antecessoras. Com o Tumblr, tornou-se possível compartilhar qualquer tipo de conteúdo, desde textos e imagens de tamanho ilimitado, até filmes, *links* e músicas, caracterizando-a como uma plataforma híbrida ou multimodal.

Além disso, podia-se manter dentro da ferramenta um microblog e assim a ferramenta estava completa e atenderia não apenas a um objetivo do usuário da *net*, mas vários, senão todos. Não era mais necessário manter-se conectado em várias redes, mas apenas em uma na qual se fazia de tudo.

Outra inovação dos criadores do Tumblr foi a simplicidade. Na ferramenta, gestos simples bastam para processar ações. Para descrever a facilidade que o usuário encontra no uso da ferramenta, esse estudo traz nos anexos as informações do *site* <http://iemai.com.br/blog/2010/01/29/o-que-voce-precisa-saber-sobre-o-tumblr/>, acessado em 11/10/12, que propõe “ensinar” a um novo usuário do Tumblr todas as funcionalidades que ele terá a seu dispor.

A figura 3 mostra que a rede social Tumblr possui mais de 82 milhões de *blogs*. Para seu criador, a criatividade é o principal chamariz da ferramenta. Em seus dizeres, “O Tumblr celebra a criatividade. Foi desenhado com a expressão criativa em mente para proporcionar aos usuários a “criação de identidades e personalidades que o design do Facebook e do Twitter não permitem explorar” (KARP, 2012).

A ferramenta permite a criação de códigos HTML e assim personaliza-se o Tumblr. Encontram-se *layouts* de todos os gêneros, desde os românticos até os agressivos, coloridos até os neutros e nudes, aventureiros, dramáticos, de todas as “tribos” e de todos os ritmos. Vejamos alguns exemplos:



Photo by: abstrackart

99.7 Million blogs

44.6 Billion posts

163 Employees

Tumblr lets you effortlessly share anything.

Post text, photos, quotes, links, music, and videos from your browser, phone, desktop, email or wherever you happen to be. You can customize everything, from colors to your theme's HTML.



TUMBLR AT A GLANCE

FOUNDED
February 2007

FOUNDER & CEO
David Karp

HEADQUARTERS
35 E 21st Street, 10th Floor
New York City, 10010

POSTS TODAY
88,438,163

MEETUPS
15,469

LANGUAGES
12



- About
- Apps
- Tips
- Buttons
- Press Info
- Jobs
- Developers
- Sponsors
- Terms
- Copyright
- Privacy
- Guidelines

OUR LATEST POSTS



[ishphotography:](#)

Dreamin... © Ivan S. Harris Photography

ATTENTION TUMBLR ARTISTS! Alicia Keys is looking for YOU to document her Set the World... [more](#)



It's *Tumblr Tuesday!* Check out these fresh Tumblr blogs.

Monica Ramos
Born and raised in Manila, this illustrator is obsessed with unhealthy... [more](#)



[markcoatney:](#)

Ballers:
Tumblr is looking for one fan for each school in this year's NCAA Men's basketball tourney to chronicle their experience... [more](#)



[thirteenny:](#)

Tumblr and New York's PBS station THIRTEEN have partnered to showcase on TV the work of Tumblr's filmmakers, both aspiring and... [more](#)



It's *Tumblr Tuesday!* Check out these fresh Tumblr blogs.

Zero Free Rides
Five friends traveling across the country doing freelance graphic... [more](#)



Check out the latest updates for iPhone and iPad:

- Shoot with a **brand new camera**
- Create **photosets**
- **Double tap** anywhere on a post to ♥!

[... more](#)



Better search!

We've completely redone search to make finding tags and blogs easy.



[music:](#)

TUMBLR @SXSW MUSIC 2013

Next week, Tumblr will be sticking around in Austin for some meetups, panels and a ton of awesome shows... [more](#)

É possível escolher desde a imagem do pano de fundo até as páginas que estarão disponíveis. Pode-se optar por criar um perfil para si ou não. Pode-se ainda abrir seu Tumblr para receber perguntas de outros usuários e até criar dentro dele *links* que acessam diretamente outros *sites*.

Raramente encontrar-se-ão dois Tumblr's iguais e, por isso, ele reflete mais a individualidade do usuário do que uma página no Facebook ou no Twitter porque essas terão sempre a mesma estrutura.

Toda a sua expressão está atrelada à identidade do seu Tumblr. No serviço, você não é simplesmente alguém comentando em um site, mas, sim, um editor, responsável pela sua página e pelo seu perfil (KARP, 2012).

Por ser uma plataforma global que promove a criatividade e a autoexpressão, o Tumblr está profundamente empenhado em apoiar e proteger a liberdade de expressão (TUMBLR, 2012).

A pretensão dos desenvolvedores do Tumblr era a criação de uma ferramenta sem limitações ou restrições, na qual o usuário pudesse expressar-se, de tal forma que, criando o seu Tumblr, esse fosse o reflexo de sua identidade. Sob essa perspectiva, pode-se considerar que o Tumblr seja uma evolução dos *weblogs*,

As práticas discursivas dos blogs, num primeiro momento, surgiram como discursos identitários, da emergência da subjetividade de pessoas comuns, que resolveram tornar público o que sentiam, percebiam e viam do mundo. Mas muitos perceberam que o blog era uma ferramenta propícia para fazer marketing pessoal, empresarial, político, entre outras formas de autopromoção (MOMESSO, 2006, p. 139).

Ao criar um Tumblr para si, o usuário comporta-se tal qual os criadores dos primeiros *weblogs*, já que não apenas pode personalizá-lo conforme seu desejo como também usa o dispositivo para dar voz a si mesmo. Para mim, interessava observar a rede social Tumblr porque dela podem emergir formações imaginárias que remetem às muitas representações da mulher adolescente.

No início da minha pesquisa, foram selecionados oito Tumblrs. Ao longo do estudo, dois deles foram desativados pelas usuárias e outros dois passaram a ser observados. O quadro a seguir mostra os *links* para acesso, a data de início da observação e a situação atual do Tumblr.

Quadro 1 - Tumblr's observados

| Link de acesso | Data início da observação | Situação atual |
|---|---------------------------|----------------|
| http://gogoway.tumblr.com | Maio de 2011 | Desativado |
| http://me-mories.tumblr.com | | Ativo |
| http://miihnaves17.tumblr.com | | Ativo |
| http://helomedeiros.tumblr.com | | Ativo |
| http://isabelaa27.tumblr.com | Julho de 2011 | Ativo |
| http://ver-dades.tumblr.com/ | | Ativo |
| http://coracaodistraido.tumblr.com | Agosto de 2012 | Desativado |
| http://e-n-d1.tumblr.com | | Ativo |
| http://romantizar.tumblr.com/ | Novembro de 2012 | Ativo |
| http://p-equenapoeta.tumblr.com | | Ativo |

A seleção aconteceu por meio de diálogo informal entre mim e algumas de minhas alunas adolescentes, que forneceram informações sobre a rede social e também alguns endereços dos quais eram seguidoras. Nesse primeiro contato, o Tumblr era apenas uma ferramenta desconhecida para mim.

Posteriormente, as alunas também me ajudaram na criação de um Tumblr, <http://mihpereira11.tumblr.com/> para que eu pudesse aprender a usar a ferramenta e assim navegar mais facilmente pelos Tumblrs observados.

No entanto, não é necessário ter um Tumblr para conseguir acessar um outro: os *links* são de domínio público, estão disponíveis na rede e podem ser acessados por qualquer um. Criar um Tumblr para mim mesma foi uma opção minha porque eu queria conhecer a ferramenta mais a fundo.

À medida que aprendia a lidar com a ferramenta, passei a perceber que esse dispositivo era um local de manifestação das preferências de leitura das usuárias, fossem as leituras literárias, fílmicas, musicais e imagéticas, já que as garotas postavam um grande número de trechos de obras literárias e de música, versos de poemas, cenas de filmes.

O quadro 2 apresenta uma listagem com os livros, filmes e autores mais citados no período de observação dos oito Tumblrs. Os títulos de filmes e os nomes de autores foram colocados na tabela do mais citado para o menos citado.

Quadro 2 - As preferências de leitura dos Tumblrs¹⁰.

| Livros dos quais mais apareceram trechos | Autores mais citados (frases, versos, etc.) |
|--|---|
| Querido John – Nicholas Spark | Tati Bernardi |
| Série Diário de um vampiro - L. J. Smith | Caio Fernando Abreu |
| Série Fazendo meu filme – Paula Pimenta | Clarice Lispector |
| Jogos Vorazes – Suzanne Collins | Guimarães Rosa |
| Saga Crepúsculo – Stephenie Meyer | Mário Quintana |
| A menina que roubava livros – Markus Zusak | Machado de Assis |
| Vários | Carlos Drummond de Andrade |

A tabela revela que os livros mais citados não são dos autores mais citados, podendo levar à conclusão de que, para o grupo de adolescentes observado, há autores que são para serem apenas citados com frases e versos e outros são autores de livros para serem lidos. Pode-se notar também que os autores considerados apenas para citações de frases e/ou versos são, na maioria, romancistas do cânone literário. O mesmo, no entanto, não acontece com os livros que aparecem como os que são para serem lidos. Esses são de autores contemporâneos, como Stephenie Meyer, autora da saga *Crepúsculo*.

A relação dos livros mais citados no período observado pode levar a concluir que as usuárias desses Tumblrs podem apresentar preferências variadas de leitura. O livro mais citado possui um enredo romantizado em que prevalecem as referências à imagem da Cinderela. Já em outros, como “Jogos Vorazes”, as referências à Luluzinha são maiores.

¹⁰ O quadro apresenta os livros e os autores mais citados. É importante mencionar que circula grande quantidade de outras obras que aparecem ainda com menor frequência. Citam-se algumas que apareceram: “A Cabana”, “Dez leis para ser feliz”, “Marley e eu”, “Diário de uma paixão”, “O caçador de pipas”, etc.

O mesmo acontece com os autores. A autora mais citada “Tati Bernardi”¹¹ é uma blogueira. Em suas postagens, pode-se dizer que ela se mostra como Luluzinha, que luta para legitimar o universo feminino, para ter seu espaço respeitado e sua voz ouvida. No entanto, em outros momentos, Tati também é Cinderela, conforme mostra uma das postagens da figura 4, que apresenta o tom romântico da idealização de um príncipe encantado.

As figuras 4 e 5 apresentam postagens retiradas de dois Tumblrs diferentes e trazem textos/discursos dos dois autores mais citados pelas usuárias.

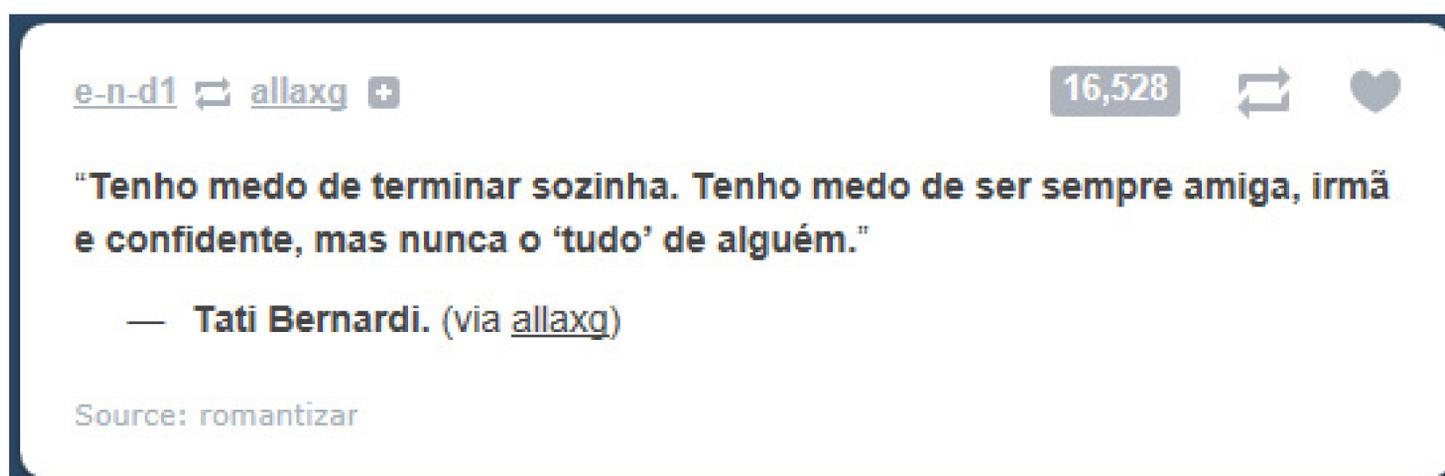


Figura 4 - Trecho de Tati Bernardi.
Fonte: TUMBLR.COM, 2012b.

Na maioria das postagens em que se citam “Tati Bernardi” e/ou “Caio Fernando Abreu”, as usuárias procuram externar sentimentos de solidão, angústia, sofrimento pela perda e/ou ausência do par romântico. As frases escolhidas evidenciam o medo da solidão, a espera por alguém, a dor da decepção. É a partir dos fragmentos postados que as adolescentes vão delineando seu modo de pensar e de agir, constituindo-se como sujeitos da contemporaneidade, dando voz a si mesmas e escolhendo estratégias linguísticas que vão compor seus discursos.

As escolhas de textos/discursos podem dar indícios da forma como essas adolescentes se veem, veem o outro e o mundo em um momento marcado pela liquidez das relações pessoais.

11 Ver: <http://www.tatibernardi.com.br/blog/post.jsp?idPost=118>

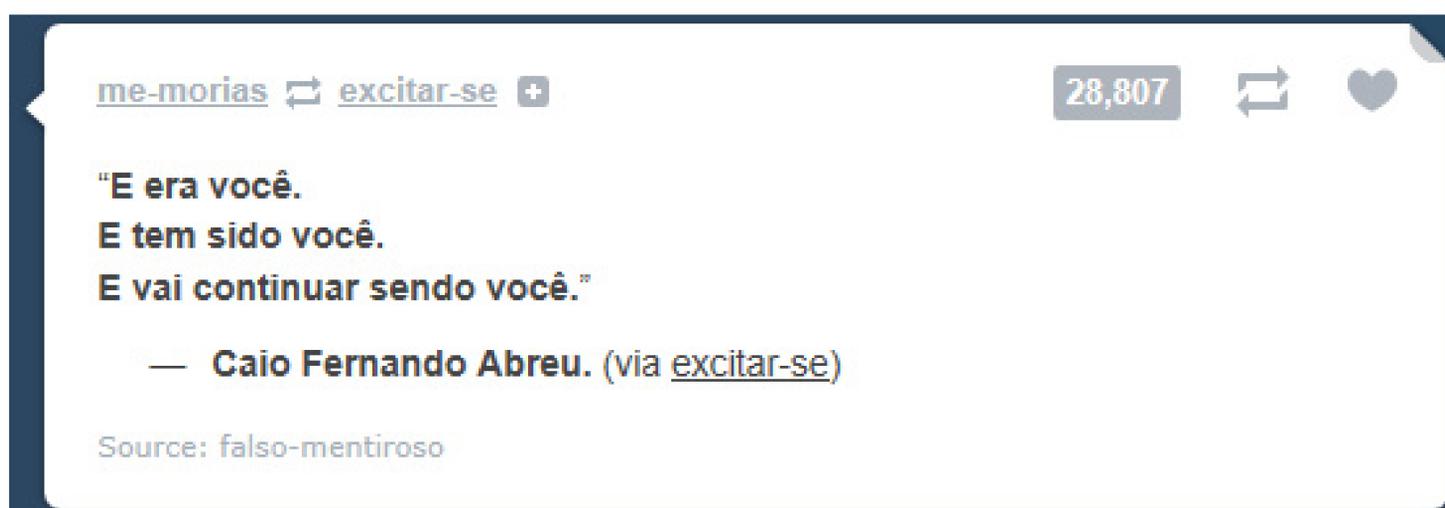


Figura 5 – Caio Fernando Abreu
Fonte: TUMBLR.COM, 2012c.

Nesse mundo fluido, as adolescentes encontram várias referências do que é ser mulher. As suas práticas discursivas refletem ora as formações imaginárias da Cinderela, ora as da Luluzinha, ora as duas, dentre tantas outras possíveis nesse universo. Eis um exemplo de postagem que se encaixa na descrição acima. A imagem a seguir está no Tumblr de endereço <http://isabelaa.27.tumblr.com> e foi postada em 09 de outubro de 2012.

Culpo os filmes da Disney por
me deixar crescer acreditando
que tudo tem um final feliz.

(via [happy-just](#))



Figura 6 – Postagem que contesta Cinderela.
Fonte: TUMBLR.COM, 2012d.

Sabe-se que a Disney fez a maioria das adaptações dos contos de fadas para o cinema. Nessa postagem, a usuária sugere que a Disney é a maior, senão a única, responsável por povoar a imaginação das meninas com as imagens dos contos. Dos contos adaptados pela Disney vêm as principais formações imaginárias que remetem à Cinderela, especialmente o final feliz.

Isso se estende também às novelas brasileiras, aos filmes americanos e poder-se-ia dizer, ainda, ao capitalismo que define como indispensável e consumível uma festa/cena de casamento. Todo esse conjunto de enunciados, sejam linguísticos, sejam imagéticos, sustentam o discurso de Cinderela, formando um conjunto de práticas discursivas que possibilitam a emergência de tais discursos.

Pode-se inferir que a usuária cresceu assistindo às adaptações das histórias maravilhosas e criou para si um universo imaginário no qual tudo sempre daria certo, tal qual nas histórias das princesas. Porém, percebe-se que a usuária não está satisfeita com tal situação. Para gerar o efeito de sentido da insatisfação e da revolta, escolhe o verbo “culpar” que instaura a interdiscursividade com as sentenças que condenam os réus. A Disney é culpada por fazer a usuária crer que tudo na vida sempre daria certo quando, na verdade, ela descobre que não é assim.

Ao condenar a Disney, a usuária pode estar reconhecendo que a Cinderela, e as demais princesas, povoaram/povoam seu imaginário. Ela pode até sugerir que não acredita/acreditará mais nos finais felizes, mas acreditou em algum momento.

Observando-se os endereços sugeridos pelas alunas, pode-se perceber também uma relação entre o *layout* escolhido/criado para o Tumblr e as postagens. Notei que alguns Tumblrs tinham uma tendência romântica, com cores claras, como tons de lilás, rosa e azul e a presença de símbolos como coração, borboletas voando, insetos pequenos, bolas e botões em miniatura. Nesses, as postagens tendiam para imagens romantizadas como as de casais ao pôr do sol e/ou em paisagens que denotam romantismo aos moldes de situações que lembram a da Cinderela. Já em outros, percebia-se um estilo mais arrojado com cores fortes de fundo, especialmente nos tons de vermelho e laranja, nos quais predominavam imagens menos romantizadas e com tendência para o sensualismo.

O interesse pela ferramenta aumentou e passei a buscar outros endereços além dos sugeridos pelas alunas. Descobri Tumblrs que

tratam de assuntos específicos, como suicídio, nos quais predominam as cores acinzentadas, às vezes contrastadas por poças de sangue, e uma atmosfera sombria com imagens funestas e/ou de jovens cortando os pulsos, sofrendo e sentindo dor, em que aparecem caveiras, cruzeiros, caixões, etc. Há, ainda, uma série de Tumblrs eróticos e pornográficos, os quais apresentam um forte apelo sexual. Esses trazem trechos de filmes de algumas práticas sexuais.

As postagens analisadas na pesquisa foram selecionadas especialmente a partir de sua temática: as que suscitavam relações com a imagem da Cinderela e da Luluzinha e as que revelavam as preferências de leitura que coincidiam com essas imagens. Além disso, foram considerados a estrutura do texto/imagem e/ou o entrelaçamento da imagem e texto.



DUAS FORMAÇÕES
IMAGINÁRIAS DO
UNIVERSO FEMININO:

Cinderela e Luluzinha

Este capítulo trata das formações imaginárias que podem remeter às representações de Cinderela e Luluzinha na contemporaneidade. Como já mencionado neste texto, sabe-se que, na sociedade, circulam inúmeras representações do feminino, a da bruxa, a da fada, a da Gata Borralheira, a da Branca de Neve, a da Mônica, a da Mafalda, entre outras, que pertencem aos contos de fadas, às histórias infanto-juvenis e/ou às histórias em quadrinhos e, hoje, poderia se dizer nos games, jogos de RPG e outros.

Desse universo presente no imaginário coletivo, optou-se para esta pesquisa eleger duas representações que aparecem na cibernética nomeando *blogs*, *sites*, páginas diversas e que retomam os discursos, “já-lás”, “já-ditos” e posicionamentos dessas duas representantes femininas.

A primeira representação, de Cinderela, foi estudada a partir da versão de Tatar (2007) que faz uma adaptação do conto de Charles Perrault. Já a segunda representação, de Luluzinha, foi observada, a partir de diversos textos presentes na cibernética que tratam desde a criação da personagem até um *blog* de uma fã incondicional e leitora dos quadrinhos da Luluzinha: o blog *Fernanda Reali A gente escolhe ser feliz*¹². Interessante notar que a blogueira denomina-se como Luluzinha, quando posta em seu espaço a seguinte afirmação: *Luluzinha sou eu! E você, quem é?*

3.1. Cinderela, Luluzinha: algumas formações discursivas que concretizam sentidos instituídos

Quando Foucault critica o sujeito filosófico e cartesiano, assim o faz porque não acredita que o sujeito seja uma essência imutável, desconectado da história, absolutamente livre. O desafio de Foucault (1984 apud REVEL, 2005, p. 84) é

12 Ver: <http://www.fernandareali.com/2011/04/luluzinha-sou-eu-e-voce-quem-e.html>.

[...] chegar a uma análise que possa dar conta da constituição do sujeito na trama histórica. É isto que eu chamaria de genealogia, isto é, uma forma de história que considera a constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objetos, etc., sem ter de se referir a um sujeito, quer ele seja transcendente em relação ao campo de acontecimentos, quer ele perseguindo sua identidade vazia ao longo da história.

Portanto, mais uma vez esse estudo afirma que o sujeito deve ser considerado como um objeto marcado pela história e constituído sobre uma base de determinações externas a ele. Todas essas implicações refletir-se-ão no discurso e, assim, conforme explicado por Revel (2005, p. 37):

O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas [...].

Por pertencer a um determinado momento histórico, o sujeito manifestará, em seu discurso, uma determinada formação ideológica. Dessa forma, em uma determinada situação específica de enunciação, o discurso produzido pelo sujeito será constituinte de uma determinada formação discursiva. Para Foucault (2010), a formação discursiva é a regularidade entre um certo número de enunciados.

Ao entrarem no Tumblr, as adolescentes passam a elaborar um quadro de imagens de si mesmas, das adolescentes que querem parecer ser e do(s) outro(s), ou seja, de seus interlocutores ou possíveis interlocutores e de como o(s) outro(s) podem vê-las, etc. Não existirá uma única imagem como resposta, todas essas perguntas acabarão por projetar várias imagens.

A sociedade contemporânea da era da informação e da cibercultura fluidifica imagens e constitui outras rapidamente. Não obstante a isso, as imagens ora serão umas, ora outras e as adolescentes titubeiam entre todas. Ora podem projetar uma imagem romântica, ora podem projetar uma feminista; ora podem marcar-se como sujeito submisso, ora podem ser contestadoras; ora acreditam que o outro pense que são sensíveis, ora que pense que são brigonas e assim vão escolhendo entre todas as imagens de que dispõem, ora ser Cinderela, ora ser Luluzinha.

A primeira imagem a ser destacada nesse capítulo é a da personagem Cinderela¹³ do conto de fadas homônimo. A origem do conto não é precisa, possuindo várias versões. Alguns atribuem-na a Charles Perrault (1697), que teria escrito a história baseando-se num conto popular italiano chamado a “Gata Borralheira”.

Outros acreditam haver uma versão mais antiga, originária da China, por volta de 860 a.c. Os estudiosos que acreditam nessa origem assim o fazem pela presença da perda do sapatinho e do encontro do pé ideal. Naquele país, era costume as moças comprimirem os pés, enfaixando-os apertadamente, muitas vezes até mesmo atrofiando-os, para evitar que crescessem e assim se tornassem mais belos. Vale lembrar também da versão dos Irmãos Grimm, com enredo bastante semelhante à de Perrault.

O nome Cinderela dado à protagonista, de acordo com Tatar (2007), parece estar associado aos vocábulos latinos “*cinitia*”, de “*cinis*”, em português “cinzas”, o resíduo do fogo. A Cinderela seria aquela que trabalha junto às cinzas. Em muitas civilizações do passado, havia criados responsáveis por cuidar do fogo e recolher seus restos. Esse trabalhador estava na base da pirâmide social, ou seja, era de classe menos favorecida e o seu trabalho era pouco valorizado. O trecho a seguir ressalta a situação hierárquica da época: “Encarregava-se

13 Essa pesquisa optou pela versão de Charles Perrault, que consta da obra “Contos de fadas: edição comentada e Ilustrada” de Maria Tatar, lançada pela editora Zahar em 2004. O conto está anexo.

dos serviços mais grosseiros da casa. [...] Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas” (TATAR, 2007, p. 40).

O adjetivo “grosseiros” usado para caracterizar os serviços executados por Cinderela reforça a posição social daqueles que recolhem as cinzas e o discurso dominante da desvalorização desses sujeitos. Por outro lado, observa-se que Cinderela gostava de se sentir entre as cinzas, ressaltando-a como sujeito subserviente, que não contesta e não confronta, características associadas ao modelo de comportamento feminino reinante durante séculos.

Na personagem Cinderela também se encontram marcas do discurso romântico da idealização feminina. Cinderela possui as características das heroínas do Romantismo do século XVIII. A protagonista não expressa reações intempestivas, pelo contrário, é uma personagem frágil e dependente, que não faz nada em relação aos maus-tratos das irmãs e da madrasta. Ao invés disso, resigna-se e aceita sua condição, sem, no entanto, deixar de sonhar com a ida ao baile e o encontro com o príncipe. Todas essas atitudes a engrandecem, atribuindo-lhe a imagem de mulher virtuosa; ao mesmo tempo, rebaixa as demais mulheres da família, às quais se associam a feiura, a indelicadeza e a ambição desmedida. O príncipe é reservado para as mulheres delicadas e meigas; às feias e rudes restam a solidão e a inveja.

A imagem do sapatinho de cristal usado pela protagonista também permite uma análise bastante significativa que vai ao encontro da ideologia e da história da civilização oriental na qual muitos estudiosos afirmam que o conto teve origem. Pensando-se o cristal como um material nobre e frágil, somente pés pequenos e delicados caberiam num sapato feito dele. Assim, ressalta-se a importância dada aos pés pequenos, evidenciando-se a ideologia dominante naquela sociedade.

Retomando-se o conto chinês e os costumes daquela época, as mulheres chinesas sofriam anos amarrando, torcendo e apertando os pés, tentando moldá-los a um padrão pré-determinado. Sendo a Cinderela a moça mais bonita do reino, a ponto de despertar a

inveja nas irmãs e na madrasta, seus pés são pequenos, cabem num sapatinho de cristal. Já às irmãs associam-se as imagens femininas menos privilegiadas na beleza física, já que seus pés são grandes e não couberam no sapatinho. Pés pequenos eram símbolo de beleza.

Por tudo isso, a protagonista Cinderela pode ser vista como uma das imagens de comportamento feminino, um padrão de personalidade, baseado sempre na(s) ideologia(s) dominante(s) em cada uma de suas versões. Sendo assim, esse conto de fadas resume em si imagens femininas de várias gerações, fato percebido tanto pelas marcas linguísticas quanto pelas imagéticas presentes nas diferentes versões do conto.

A Cinderela representa um dos possíveis caminhos a ser percorrido pelas mulheres: o casamento que muda a vida e a condição de sofrimento. Não há como negar que “até hoje o comportamento e o destino da personagem é o esperado pelas jovens e até sonhado por elas” (MENDES, 2006 apud TATAR, 2007, p. 45). Por isso, a Cinderela é uma das formações imaginárias que compõem o universo feminino em todas as épocas. O discurso presente no conto, em cada uma de suas versões, é ouvido pelas meninas desde muito cedo, nas escolas, em casa e assim vão se constituindo num “*já-dito*” que passará, inevitavelmente a estar presente no discurso dessas jovens.

O discurso de Cinderela é o discurso do encontro do par perfeito que leva a uma mudança de situação através de uma relação oficialmente institucionalizada, o casamento. Ainda que esse discurso tenha sido parafraseado, (re)significado, ganhado novos sentidos, a imagem de Cinderela não está silenciada, e por isso mesmo as adolescentes projetam-na em seus discursos contemporâneos.

A outra personagem que essa pesquisa escolheu ressaltar também é uma formação imaginária forte. Luluzinha, originalmente Little Lulu, foi criada pela norte-americana Marjorie Henderson Buell (1904-1993) em fevereiro de 1935. No início, a garota de cachinhos e vestido

vermelho aparecia apenas em charges¹⁴. Depois, o quadrinista John Stanley criou histórias mais longas.

No seu país de origem, a personagem fez muito sucesso, chegando a tornar-se garota propaganda dos lenços de papel Kleenex até os anos finais da década de 1950. Foi nessa época que Luluzinha e sua turma chegaram ao Brasil. Por aqui também conquistou fãs e chegou a ser cantada, ela e sua turma, numa música da Jovem Guarda chamada “Festa do Bolinha” que fez sucesso entre os anos 1960 e 1970.

Com tanto sucesso, Luluzinha saltou dos quadrinhos para os desenhos animados quando, em 1990, a Rede Globo de televisão passou a exibir uma das séries mais conhecidas dessa adaptação, tornando os personagens da turma muito conhecidos e contribuindo para a permanência de Luluzinha no imaginário popular.

As primeiras charges criadas por Marjorie tinham como principal alvo o casamento. Como se vê a seguir na figura 7, na primeira charge Luluzinha era uma dama de honra bem travessa que espalhava cascas de bananas pelo caminho de entrada da noiva.



Figura 7 – Primeira aparição da Luluzinha
Fonte: LIVRARIA DA FOLHA, 2010.

14 Charge ou ‘gag’: um único quadrinho sem continuação.

O imagético dessa charge nos apresenta o seguinte discurso: na posição social de dama de honra, Luluzinha está à frente da noiva e vai abrindo caminho para ela, assim, a personagem assume o lugar de quem tem ideias novas, alguém que pode mostrar o caminho para a outra.

Ao espalhar pelo caminho cascas de banana, Luluzinha assume a posição da zombeteira, pois o hábito é a dama de honra espalhar pétalas de rosas, não cascas de banana, e com isso ela mostra-se irreverente, zombando de uma cerimônia oficial. Seu discurso imagético, por meio do olhar maroto de quem sabe o que faz, sugere que não leva a sério tal convenção. A casca de banana faz escorregar e se Luluzinha vai à frente e espalha essas cascas, não só está zombando apenas do compromisso do casamento, mas também da noiva que, ao escolher percorrer aquele caminho, se coloca diante de um caminho escorregadio, em que não terá mais controle da situação e nem independência. Parece que, aos olhos de Luluzinha, o casamento é uma instituição falida, fadada a causar derrapagens e escorregões. A imagem da noiva que escorregará é a imagem da mulher dependente de uma convenção, mesmo que essa convenção a faça cair alguma(s) vez(es) em situações desfavoráveis ou não escolhidas por ela.

Portanto, o discurso presente nessa charge é o discurso polêmico em relação a uma união oficializada, o casamento seria uma instituição de aparência, em que o universo masculino continua alçado ao poder de decisão. A personagem assume o lugar social da resistência às convenções, à medida que critica a união institucionalizada pelo casamento, desestabiliza o modelo feminino instituído, satirizando-o e zombando dele.

O mesmo discurso pode ser observado em outra das primeiras charges criadas por Marjorie, a seguir.



Figura 8 - Mais uma da Luluzinha contra o casamento.
Fonte: BLOG-QUADRINHOS ANTIGOS, 2009.

Nesta charge, os noivos se assustam ao perceberem que os bonequinhos do bolo estão sem cabeça. Luluzinha encontra-se em segundo plano na imagem, apenas observando tudo e com a aparência irritadiça. Novamente, Luluzinha debocha das convenções e dos lugares ocupados pela mulher e pelo homem nos universos feminino e masculino. É convencional colocar bonecos em cima do bolo que representem os noivos, mas colocá-los sem cabeça?

Outra vez aparece o discurso contrário às convenções, pois, ao colocar bonecos sem cabeça em cima do bolo, pode-se inferir que quem se casa não tem consciência exata do ritual e do passo que está dando e de suas consequências. Apenas cumprem um protocolo, um ritual que aos olhos da sociedade é o ideal e o que deve ser feito.

A expressão assustada dos noivos e da convidada representa o discurso contrário ao posicionamento e atitude de Luluzinha. Mais uma vez Luluzinha parece se irritar com as convenções e com aqueles que são favoráveis a ela. Esse discurso fez Luluzinha ser considerada a primeira personagem feminista¹⁵ dos quadrinhos.

15 Ver: <http://www1.folha.uol.com.br/livrariadafolha/>

Para embasar essa análise, busca-se em Scott (apud BURKE, 1992, p. 67) uma reflexão acerca do feminismo estadunidense que diz:

Nos Estados Unidos, [...] o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos do sexo feminino com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e suas vidas (BURKE, 1992, p. 67).

Com base nessa reflexão, percebe-se a ideologia feminista das histórias em quadrinhos de Luluzinha. Nas tirinhas, o discurso de Luluzinha segue a mesma linha ideológica, visto que nelas a personagem até demonstra sentir uma afeição pessoal pelo colega Bolinha, porém, jamais se deixava dominar por ele ou qualquer outro menino da turma.

A personagem busca provar, a todo momento, que é tão esperta quanto os meninos, sendo capaz de resolver suas investigações sozinha ou apenas com a ajuda das outras meninas. Luluzinha tenta sempre dar equivalência aos dois universos, o feminino e o masculino. Para ela, não importam as diferenças desses mundos e dos gêneros, o que importa e deveria ser necessário é que, apesar das especificidades de cada universo, eles se equivalem, ambos têm o seu valor, não são melhores, nem piores.

Diante do exposto, a luta de Luluzinha é fazer valer o reconhecimento do universo feminino e de seu valor tanto quanto do masculino. Dessa forma, vai se moldando como uma personagem autossuficiente, independente e avessa ao convencionalismo, resistente aos valores impostos pelos garotos. Sempre se impõe a eles, se posicionando do lugar feminino de forma espontânea, impulsiva e insistente, e assim vai assumindo e defendendo a ideologia feminista das décadas iniciais do século XX, sem agredir o universo masculino, mas mostrando e demonstrando com suas atitudes e discursos que os mundos devem se equivaler. Se há um universo masculino em que a mulher não pode

participar, então, não irá brigar, mas irá construir um universo paralelo e equivalente, o clube da Luluzinha.

Interessante observar a presença do nome Luluzinha na mídia. A personagem nomeia *sites*, *blogs*, e páginas do *Facebook*, por exemplo, www.facebook.com/clube.daluluzinhabsb. Apresenta-se abaixo a capa de uma das edições de seus quadrinhos. Uma análise rápida dessa capa exemplifica como Luluzinha resiste e se impõe ao universo masculino, instaurando um espaço feminino não existente na época de sua criação.

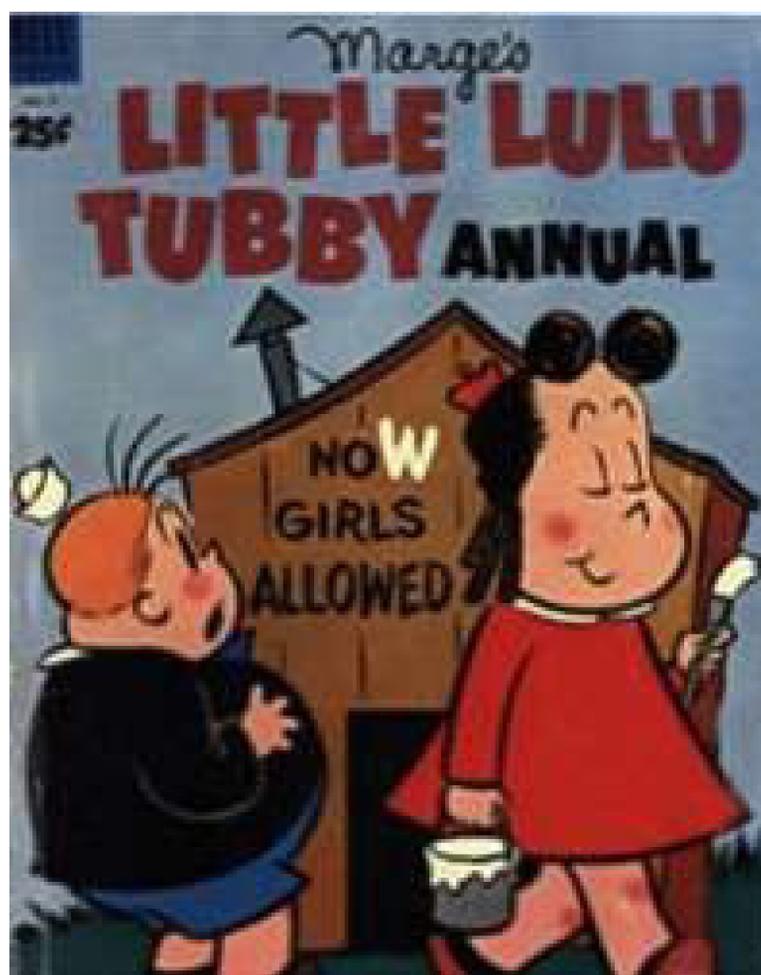


Figura 9 – Luluzinha versus Bolinha
Fonte: MUNDO HQ, 2012.

Nesta capa, observa-se que Luluzinha pinta a letra “W” transformando os dizeres iniciais do clube do Bolinha a seu favor: o “não permitido garotas” tornou-se “agora permitido garotas”. Assim, Luluzinha assume definitivamente a posição social da mulher que existe no mundo e não da sombra de mulher que só existe porque os

homens a fazem existir. Ela se coloca indiferente às provocações do universo masculino e jocosamente brinca com as palavras e o discurso machista e sexista instaurado e instituído desde sempre.

Quando sua atitude é de indiferença e não de briga, faz com que Bolinha se surpreenda e não tenha como reagir, pois o que sempre se esperava era o posicionamento da polemização sem atitude. Assim, Luluzinha impõe o mundo feminino e o equivale ao masculino. Dá voz a esse universo e se torna alguém responsável por si mesma, capaz de reagir e fazer suas escolhas, libertando-se da dominação masculina e instaurando um novo significado para a posição de mulher.

A capa fortalece o discurso do não convencionalismo, pois rompe com o silêncio feminino. Quando afirma “agora permitido garotas”, reforça que as mulheres, a partir daquele momento, não só poderiam, mas deveriam se manifestar ainda que isso contrariasse os homens e suas convenções. Bolinha aparece assustado, reforçando o discurso masculino contrário à emancipação feminina.

Na capa mostrada, percebe-se ainda forte presença da ideologia do feminismo e as formações imaginárias da mulher que viveu, durante muito tempo, o descontentamento com sua posição, mas que, a partir daquele momento, vivenciava o orgulho pela conquista de um novo lugar na sociedade. O efeito de sentido de orgulho é evidenciado pelo semblante altivo de Luluzinha na capa.

Observa-se também que o personagem Bolinha é retirado do lugar comum, convencional e surpreende-se com o novo dizer “Agora permitido garotas”. Tal reação o coloca num posicionamento desfavorável, em que, naquele momento, não tem claro o que deve fazer. Em Pêcheux (1995), há uma reflexão bastante pertinente às análises realizadas, já que o autor caracteriza as formações imaginárias como as antecipações das relações de força e de sentido que ocorrem no processo discursivo, de modo a permitir ao emissor o uso de estratégias discursivas. Pêcheux caracteriza essa relação como um jogo de imagens de emissor e receptor e de seus lugares em uma dada formação social, que autorizará alguns dizeres, ao mesmo tempo em que impedirá outros.

Assim, sempre que a personagem Luluzinha manifesta-se, seja em charges ou em quadrinhos, seus enunciados verbais e imagéticos compõem um discurso baseado na ideologia feminista.

Nesses discursos, pode-se inferir que a criadora de Luluzinha cria antecipadamente um quadro de imagens: da situação da mulher da década de 1930; do homem que não aceitaria o feminismo; de quem seria a personagem Luluzinha para falar pelo feminismo; de quem seriam seus interlocutores naquele momento histórico; o que seus interlocutores pensariam da personagem para que ela falasse da forma que falava. Luluzinha seria o sujeito enunciator do discurso de aprovação do feminismo, simbolizando não apenas uma mulher, mas todas de sua época. Já Bolinha seria o interlocutor masculino dessa mulher, ou seja, o homem que não reconhecia o verdadeiro valor feminino, aquele que procurava sempre mostrar à mulher que ela não seria capaz e que o feminismo o assustava. Por isso, Bolinha e Luluzinha sempre manifestarão discursos em oposição, ideologias contraditórias e posições sociais em choque.

O discurso feminista nesse século XXI resulta dos vários processos discursivos de conquista do espaço e do poder dizer da mulher. É sabido que, em várias nações, o feminismo provocou mudanças não apenas de comportamento, mas também em diversas leis que passaram a reconhecer a igualdade de direitos entre os sexos. Isso aconteceu principalmente em países americanos e europeus. Nesses países, as mulheres agora lutam por igualdade de direitos econômicos porque muitas ainda ganham salários menores do que os masculinos, mesmo desempenhando as mesmas funções.

Sabe-se também que ainda há nações que não reconhecem a igualdade de direitos entre os sexos e ainda consideram a mulher como ser inferior, submissa às determinações do pai ou do marido. Na cultura islâmica, por exemplo, as mulheres não são donas de seus corpos, podendo ser condenadas à morte por crimes como o adultério.

Não há, portanto, como silenciar definitivamente o discurso feminista frente a tudo isso. Mesmo em países que já reconheceram a igualdade de direitos, ele ainda está presente. O discurso feminista é constantemente (re)significado por organizações de Direitos Humanos que buscam defender as mulheres em todas as partes do mundo.

Tudo isso vem confirmar que a imagem de Luluzinha e seu discurso feminista estão presentes nas formações imaginárias das jovens que acessam a internet diariamente e leem notícias do mundo todo, inclusive aquelas que mencionam fatos de desrespeito à condição feminina. Notícias como a do apedrejamento de uma mulher sudanesa em junho de 2012¹⁶ acionam a memória discursiva das adolescentes, fazendo-as lembrar de tudo que já ouviram e leram sobre o movimento feminista e assim passam a (re)significar o discurso feminista, manifestando-o em suas postagens.

Dessa maneira, é possível compreender que Luluzinha também está presente no imaginário feminino nesse limiar do século XXI, no fato de que não é contestadora, briguenta, agressiva, mas sim, inteligente, perspicaz, marota nas decisões e em seus posicionamentos, deixando o masculino sempre em situações de surpresa e desconforto.

3.2. (Re)significando Cinderela e Luluzinha

O discurso de Cinderela já despertou a atenção de sociólogos, historiadores, literatos, filósofos e psicólogos que veem na personagem uma imagem fundamental, buscando interpretá-la e analisá-la sob diferentes prismas. Destaca-se que as (re)significações do discurso de Cinderela ao longo da história muitas vezes ficaram a cargo da mídia, que sempre a resgata em produções do cinema, da publicidade e da televisão, inspirando-se no seu arco dramático e desenvolvendo inúmeras obras de apelo popular.

16 Ver: http://www.dn.pt/inicio/globo/interior.aspx?content_id=2572311.

Para citar alguns exemplos dessa (re)significação do discurso e da imagem da Cinderela feita pelas mídias, elencam-se as versões do conto em animações da Disney. Tais produções são sucesso de bilheteria e colaboram para despertar nas garotas, ainda meninas, todo o universo fantástico do discurso da Cinderela. Os filmes da Disney contribuem para que esse discurso se firme na memórias das garotas e seja posteriormente resgatado, conforme mostrado na análise da postagem da figura 6.

O mesmo acontece com o filme “Uma linda mulher” (1990), protagonizado por Julia Roberts e Richard Gere. A protagonista é uma prostituta que se apaixona por um rico cliente. No final, o cliente também percebe-se apaixonado por ela e lhe propõe casamento e uma nova vida. A referência ao discurso de Cinderela torna-se evidente. Nessa produção hollywoodiana, pode-se dizer que houve uma (re)significação da imagem da Cinderela, à medida que a protagonista não é mais uma mocinha, mas sim uma mulher madura. Essa mulher, apesar de manter relações sexuais descompromissadas e sem nenhum vínculo afetivo, sonha com um relacionamento estável que lhe propicie uma melhora nas condições de vida.

Destaca-se o enunciado verbal da protagonista em uma das cenas finais do filme: “*Eu quero conto de fadas*”. Nota-se uma referência ao discurso de Cinderela já que, nessa enunciação, a protagonista marca-se numa posição de sujeito sonhador, pois o substantivo “conto de fadas” carrega toda uma concepção romântica de vida: o encontro do par perfeito, a mudança de posição social e o relacionamento estável oficialmente institucionalizado.

Há ainda outras (re)significações de Cinderela além das feitas pela mídia. Na literatura, encontram-se muitas Cinderelas dentre as quais uma contemporânea: Bella Swan, a protagonista da saga Crepúsculo, uma das obras mais citadas nos Tumblrs analisados. A personagem vive um amor até certo ponto impossível e tem sua vida alterada pelo casamento.

Bella é caracterizada como uma adolescente da contemporaneidade. Sua posição social é a de uma garota que enfrentou desde cedo a separação dos pais e viveu um bom tempo só com a mãe. Ao completar dezesseis anos vai morar com o pai, numa cidade fria, onde não conhece ninguém, assumindo uma posição de adolescente rebelde, em conflito com o pai e de poucos amigos. É avessa a feminilidades, não gosta de maquiagem e prefere vestir-se com jeans e camiseta. Não pretende envolver-se amorosamente com ninguém na nova escola. Essa jovem parece silenciar o discurso de Cinderela. No entanto, Bella apaixona-se por um rapaz, Edward, um jovem de uma posição social bem diferenciada. Edward é rico e inicialmente mostra-se orgulhoso, mas depois revela-se um verdadeiro cavalheiro. O moço salva Bella de um acidente, revelando-se um príncipe encantado que aparece para salvar a mocinha.

Ao longo da saga, tudo o que Bella sonha é casar-se com Edward e ter sua vida alterada por essa relação oficialmente institucionalizada. Sabe-se que todos os livros da série *Crespúculo* fizeram um grande sucesso, chegando a serem adaptados ao cinema, e se assim ocorreu, só se pode afirmar que a imagem da Cinderela não está completamente silenciada, o seu discurso permanece ainda que (re)significado.

Encontra-se outra imagem (re)significada de Cinderela na novela global “Salve Jorge”, escrita por Glória Peres. A protagonista é moradora de uma favela carioca – Morro do Alemão – e se apaixona por um Capitão da Cavalaria. Morena tem uma posição social desprivilegiada, é moça sofrida, de pouco estudo, mãe solteira. Seu discurso é o de quem passa por vários sofrimentos: o amoroso, pois foi abandonada pelo pai do filho; o de quem sofre marginalização e preconceito por ser morador de favela; o de menina ingênua que acaba traficada por sonhar demais.

Morena alimenta o sonho romântico do encontro do par perfeito, chegando em algumas cenas a declarar à mãe que ainda encontraria alguém que mudaria sua vida. Já nos primeiros capítulos, a personagem conhece seu par romântico. Téó é capitão do exército e, quando conhece

Morena, ele está em cima de um cavalo. Bem típico de um conto de fadas, nos quais o príncipe aparece sempre num cavalo branco para resgatar a mocinha, desposá-la e conduzi-la ao final feliz.

A novela compôs a programação da emissora de outubro de 2012 até maio de 2013. O enredo possui um desfecho bastante previsível já que tudo levava a crer que o Morena e Téo ficariam juntos no final. Como Morena foi enganada e traficada para o exterior, onde é escrava sexual de uma rede de prostituição, restará ao seu príncipe Téo salvá-la, casar-se com ela e assim mudar sua vida.

O discurso desse folhetim nos diz que toda mulher, independente de sua classe social, pode sonhar em ser Cinderela, pode sonhar em mudar de vida através de uma relação estável. Pode-se observar também que isso reforça o discurso do relacionamento entre classes sociais diferentes. Mais uma das muitas representações e ressignificações da imagem e do discurso de Cinderela neste século XXI.

Deixando-se de lado ficção e procurando a realidade, encontra-se a inglesa Kate Middleton, uma plebeia que se casou com um príncipe. O conto de fadas de Kate se tornou realidade em 29 de abril de 2011, numa cerimônia oficial assistida por mais de dois bilhões de pessoas em todo o mundo. Kate é uma imagem de Cinderela contemporânea: apesar de não ter sangue nobre, recebeu uma boa educação, formou-se, atuou no mercado de trabalho e ainda assim apaixonou-se. Sua posição social não impediu o enlace matrimonial, mas esse enlace mudou sua vida: ela recebeu um título de nobreza e abdicou de sua profissão para dedicar-se ao marido nobre. O casamento de Kate reforça que a nobreza, assim como as classes sociais mais abastadas, valorizam as uniões institucionalizadas, fato que contraria o costume de classes menos favorecidas visto que nessas muitas uniões, apesar de estáveis, nunca se oficializam.

Por esse viés, pode-se inferir que as formações imaginárias que remetem à Cinderela e ao seu discurso estão presentes em todas as classes sociais, porém, de maneira distinta. Nas classes menos favorecidas, o discurso é o da Cinderela que apenas espera o príncipe

que mude sua vida; não necessariamente esse precisa lhe propor casamento. Uma união não oficializada também pode propiciar mudança de condição. Já nas classes mais privilegiadas, a Cinderela oficializa sua união.

Pode-se associar a imagem da Cinderela à garota contemporânea que sonha em ser feliz ao lado de um par romântico, sem que essa união precise ser registrada num cartório. Basta que a união proporcione uma mudança de vida: quer de posição ou classe social – como Kate Middleton da realidade ou a Morena da ficção, quer de ideal de vida como a Bella de *Crepúsculo*. O que as Cinderelas contemporâneas querem é viver uma história de amor, um romance, seja daqueles que elas ouviram nos contos de fadas quando ainda eram crianças, seja daqueles mostrados pela mídia nessa contemporaneidade.

A Cinderela é uma formação imaginária presente no discurso das adolescentes por ser o resultado dos vários processos discursivos com os quais essas adolescentes se defrontaram e ainda se defrontam, não havendo, portanto, como negar sua presença nesse sentido.

Os muitos exemplos citados reforçam que não há como escapar das formações imaginárias de Cinderela. Em algum momento da vida, elas estiveram/estão presentes. Ou na infância, ou na adolescência, ou na vida adulta, em algum momento o discurso da Cinderela aflorará resgatando alguns dos pontos marcantes dessa imagem, seja o romantismo, seja o ideal do par perfeito, seja a busca por uma relação amorosa oficializada. Nessa perspectiva, é compreensível encontrarem-se tantas postagens que fazem alusão à personagem.

A imagem feminista da Luluzinha é tão explorada pela mídia quanto a da Cinderela. Também se pode encontrar no cinema e na literatura as ressignificações de Luluzinha.

Os meios de comunicação veiculam imagens da independência da mulher, bombardeando as adolescentes desse século com padrões nada convencionais. No meio artístico, a imagem da transgressão de regras e atitudes fora do padrão traçado para o comportamento

feminino faz sucesso entre cantoras e atrizes como Madonna e Lady Gaga.

Na contemporaneidade, as ressignificações do feminismo permitem às adolescentes manifestarem discursos que ressaltam a emancipação de padrões de conduta pré-determinados, o desapego às convenções e aos compromissos, a liberdade de escolha, a liberação sexual. As adolescentes escolhem a posição social daqueles que têm voz e que podem falar o que pensam sem se preocupar com o que o outro pensará a respeito. Assumem a posição da mulher que não é submissa, que é capaz de se equivaler aos homens, de tomar suas próprias decisões, de quebrar regras e até de viver sozinha, caso isso seja necessário, para não ter sua vida controlada por um sujeito do sexo oposto.

No Brasil, a atriz Luana Piovani sempre escreve o que pensa em seu Twitter e acaba gerando polêmicas. Outra artista brasileira que pode ser associada à imagem da Luluzinha é Wanessa Camargo, quando, há alguns anos, afirmou em uma entrevista que já não era mais virgem.

Entrevista: Wanessa Camargo

"Sou o oposto da Sandy"

Acesso rápido
Páginas Amarelas de VEJA
2000 | 2001 | 2002 | 2003

A estrela do pop adolescente diz que não gosta de bancar a santa, admite que era breguinha e conta que deixou de ser virgem

Sérgio Martins

Claudio Rossi



"Eu falo o que penso, ainda que tenha de pagar um preço por isso. Não deixo de viver a minha vida por nada"

Figura 10 – A Luluzinha Wanessa Camargo
Fonte: VEJA ON-LINE, 2003.

O discurso de Wanessa, posicionado na imagem ao lado de sua foto, a define como uma Luluzinha, de personalidade ativa e crítica, que fala o que pensa e faz o que quer, sem medo de ser julgada por isso. Nas palavras “*não deixo de viver a minha vida por nada*” a cantora marca-se como sujeito decidido, que sabe o que quer, opondo-se ao discurso da submissão feminina que dita regras e diz o que uma moça deve ou não deve fazer.

Ainda em seu discurso, quando confirma ter deixado de ser virgem, Wanessa assume a posição de sujeito não comprometido com os padrões comportamentais femininos, ou seja, avesso às convenções. O discurso presente na frase de Wanessa é contestador e decidido, mas gera uma oposição ao discurso imagético da cantora na foto: Wanessa está vestida com roupas comportadas e senta-se de maneira recatada na imagem e isso se contrapõe à imagem que tenta assumir para si no seu discurso frasal. Na foto, percebem-se discursos em oposição. Texto/discurso e imagem chocam-se, já que Wanessa diz ser Luluzinha, mas se veste e se senta como Cinderela.

Da análise dos dizeres de Wanessa e de sua foto conclui-se que Cinderela e Luluzinha são imagens que podem coexistir num mesmo discurso.

3.3 Ser Cinderela ou ser Luluzinha?

Este trecho do estudo pretende mostrar que não há como definir uma única imagem para a adolescente da contemporaneidade, mesmo porque, segundo Bauman (2005), escolher uma única imagem significa renunciar a todas as outras e essa não é uma atitude que ofereça segurança ao sujeito contemporâneo.

A seguir, expõem-se alguns comentários que pretendem justificar a necessidade das adolescentes de mesclarem para si o que julgam de melhor de cada uma das personagens exploradas neste trabalho. Ora a mulher quer ser sonhadora, romântica, ora quer ser independente

e autossuficiente. Ressaltar-se-ão imagens de algumas mulheres que transitam entre essas duas imagens femininas.

A primeira delas mostrada aqui é a cantora Sandy. Essa mulher apareceu ainda criança na mídia, fato que acabou por associá-la à imagem de uma mulher cândida, meiga, frágil e delicada, de quem sempre se esperou comportamentos padronizados. Sandy viveu uma história de amor de conto de fadas. No imaginário coletivo, era uma Cinderela, na posição social da mulher recatada.

Porém, em uma entrevista concedida à revista Playboy, edição de agosto de 2011, a cantora surpreendeu o público ao afirmar ser possível que a mulher sinta prazer com o sexo anal. A imagem a seguir mostra a declaração da cantora:



Figura 11 – Sandy: ora Cinderela, ora Luluzinha
Fonte: REVISTA QUEM, 2011.

Já era de se imaginar que uma declaração dessas causaria polêmica, justamente por evidenciar discursos em oposição. De um lado, o imaginário coletivo tinha Sandy num lugar de sujeito tímida, moça recatada, de quem não se espera alguns tipos de comportamento. Moça para a qual algumas inovações sexuais seriam tabu e para a qual alguns assuntos fossem proibidos de serem mencionados publicamente.

Mas, com a declaração “*É possível ter prazer anal*”, Sandy assumiu ter conhecimento e abertura para práticas sexuais não associadas às garotas “boazinhas” do imaginário popular. Assumiu a posição social de sujeito que não se preocupa com convenções que dizem o que uma “moça de família” pode ou não fazer. Assume também a posição social de quem não se preocupa com o que pensam dela, por isso fala o que quer.

Sandy antecipa imagens de si mesma e de seu interlocutor e assim escolhe se comportar ora como Cinderela e ora como Luluzinha. Na entrevista concedida à *Playboy*, Sandy antecipou a imagem de um interlocutor de uma revista masculina: um homem que busca imagens de mulheres nuas ou com pouca roupa, sabendo o que esse tipo de leitor procura para ler/ver.

Sandy não tirou a roupa para a revista, porém escolheu estratégias linguísticas em sua enunciação que mexeram tanto com a libido masculina quanto uma fotografia de mulher nua. Na verdade, Sandy retoma a atitude de Luluzinha que reescreve a placa “*Agora permitido mulheres*”, sem agredir – ou tirar a roupa, mas apenas dizendo de outro lugar.

Os dizeres de Sandy deixaram o interlocutor masculino tal qual o Bolinha da capa da HQ que se analisou anteriormente: um homem surpreso, assustado e sem saber o que pensar ao certo desse sujeito, visto que ela quebrou uma convenção.

Ao mesmo tempo, o discurso de Sandy atinge o interlocutor feminino, encontrando em algumas mulheres a resistência e em outras o aceite. As que resistem são as que ocupam a mesma posição social dos convidados dos casamentos das charges de Luluzinha apresentadas: se chocam com a quebra de paradigmas e não se desapegam das convenções. As que aceitam os dizeres de Sandy são Luluzinhas, assim como ela, estão pouco preocupadas com o que o mundo diz ser certo ou errado, abrem mão de acordos sociais para posicionarem-se diante do universo masculino e equivaler-se a ele.

Outro enunciado imagético propício à análise da presença das imagens de Cinderela e Luluzinha é a figura abaixo, que mostra a cantora de funk “Valesca Popozuda” num parque da Disney.



Figura 12 – Valesca Popozuda: ora Luluzinha, ora Cinderela
Fonte: GLOBO. COM; ALAGOAS 24H, 2012¹⁷.

Na foto da esquerda, Valesca assume a posição social de criança sonhadora que deseja visitar a Disney. Quando faz isso, diverte-se tal qual uma menina de pouca idade, se veste e se comporta como uma princesa dos contos de fadas. Seu vestido é o da Cinderela e as mãos abaixo do queixo compõem uma foto padronizada, na qual se pretende reforçar a meiguice do semblante. Esse discurso imagético ressalta a ideologia que considera Cinderela uma moça comportada e recatada, com atitudes previsíveis e convencionais. Reforça um padrão de comportamento feminino.

Já a foto da direita traz a cantora em uma posição oposta: Valesca está nua e sentada de pernas abertas, pose pouco convencional para uma mulher. Tal posição quebra um modelo de postura feminina que não se prestigia: a mulher que se senta de pernas abertas, posição entendida como mais adequada aos homens.

17 A segunda imagem acompanha notícia/celebridades do site Alagoas 24horas, intitulada “Valesca Popozuda posa nua em clima de protesto e diz não ao preconceito”.
Ver: <http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vCod=127199>.

Nessa foto, a cantora mostra uma placa na qual os dizeres: “*submissa, dependente, comportada, obediente*” aparecem riscados por uma tarja vermelha. Percebe-se o interdiscurso com as placas de trânsito e com as de “proibido fumar”, compondo um discurso que reforça o rompimento com a submissão, a dependência, e a obediência ao padrão comportamental, já que o risco vermelho sobre essas palavras diz que são proibidas em Valesca.

No discurso dessa foto, a cantora assume-se como sujeito que não aceita depender de outro, tampouco está disposta a se submeter a regras, por isso mesmo não pretende seguir padrões de comportamento.

Opondo-se essas duas fotos, pode-se perceber que, ainda que na da direita Valesca tenha assumido a posição social de uma feminista, ela também assume a posição social do sonho encantado de ser Cinderela e de acreditar em contos de fadas. Apesar de não aceitar se submeter às regras impostas pela sociedade, ainda assim Valesca sonha em encontrar seu príncipe encantado.

O que se pode notar é a ressignificação. Instaure-se uma ressignificação de Cinderela, à medida que Valesca é sensual, dança *funk*, usa roupas provocantes, mas quer alguém para viver ao seu lado e essa união talvez não precise ser oficializada. Também se estabelece uma ressignificação de Luluzinha, pois Valesca não é submissa, mas, ao vestir-se de Cinderela, demonstra a vontade de encontrar alguém com quem possa viver. Em Valesca coexistem Cinderela e Luluzinha.

Transitar entre as formações imaginárias de Cinderela e de Luluzinha é perfeitamente possível para uma adolescente. Em Foucault (2010, p. 10), encontra-se uma importante reflexão que vem embasar as escolhas temporárias:

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que – isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é

simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar

Assim, quando uma adolescente decide projetar-se na imagem da Cinderela, escolhendo um discurso mais romantizado, que fala de amor e de encontro com o par perfeito, está assumindo-se como um sujeito que deseja aquilo para si, ou seja, almeja encontrar alguém com quem possa viver feliz para sempre, ainda que essa pessoa não seja oficialmente um príncipe, não possua esse título. O que a garota deseja realmente é que seu amado tenha o comportamento de um nobre, seja cavalheiro, gentil, educado e realize seus sonhos. Mas a figura imagética da Cinderela não está relacionada apenas ao objeto de desejo príncipe encantado, mas também ao ideal pelo qual se luta: proteção, segurança, estabilidade, fidelidade, cuidado, fornecidos pelo príncipe.

Por outro lado, a projeção da formação imaginária da Luluzinha revela que essa adolescente tem uma arma diferente do romantismo para angariar poder. Quando a menina se afirma como sujeito que não deseja o príncipe, ou não sonha com o casamento, conseqüentemente, revela que tem outros planos para si. Assim, seu ideal pode ser desde sua independência financeira até a ausência de regras que manipulem suas atitudes e sua vida. Esse sujeito luta pela autossuficiência.

Quando Foucault (1970 apud REVEL, 2005, p. 20) analisa a questão do pertencimento em Kant, comenta:

Para Kant, colocar a questão do pertencimento a sua própria atualidade é interrogá-la como um acontecimento do qual se poderia falar em termos de sentido e singularidade, e colocar a questão do pertencimento a um “nós” que corresponde a essa atualidade, isto é, formular o problema da comunidade da qual fazemos parte. Mas é preciso igualmente compreender que se retomarmos hoje a ideia kantiana de uma ontologia crítica do presente, não é somente para compreender o que funda

o espaço de nosso discurso, mas para desenhar seus limites. Da mesma maneira que Kant ‘busca uma diferença: qual a diferença que o hoje introduz em relação a ontem?’, devemos, de nossa parte, fazer emergir da contingência histórica, que nos faz ser o que somos, possibilidades de ruptura e de mudança. Colocar a questão da atualidade retoma, portanto, a definição do projeto de uma ‘crítica prática sob a forma da ultrapassagem possível’.

Seguindo-se essa reflexão, pode-se inferir que os discursos das adolescentes de hoje buscam diferenciar-se dos discursos de suas antecessoras. As jovens não querem desfazer-se da Cinderela para serem apenas Luluzinhas, o que elas escolhem fazer é ressignificar essas imagens a partir da interdiscursividade entre os discursos anteriores e os do mundo contemporâneo. Ao encontro dessa reflexão, lembra-se que não há discurso que seja original, pois sempre haverá um “já-dito”, um “já-lá” que o constitui:

[...] o materialismo histórico designa pelo termo de relações sociais, que resultam de relações de classe características de uma dada formação social (por meio do modo de produção que a domina, da hierarquia das práticas das quais necessita esse modo de produção, dos aparelhos mediante os quais realizam essas práticas, as posições que lhes correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas que dependem dessa formação social. Considerando uma formação social, poderemos falar de uma ‘formação ideológica’ para caracterizar um elemento suscetível de intervir, tal como uma força confrontada a outras, na conjuntura ideológica característica de uma formação social, em um dado momento; cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo que comporta atitudes e representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas que se referem mais ou menos diretamente a ‘posições de classe’ em conflito umas com as outras (PECHÉUX, 1971 apud PIOVEZANI; SARGENTINI, 2011, p. 72-73).

Não há como não transitar entre as imagens de Cinderela e Luluzinha, pois essas formações imaginárias compõem discursos anteriores às jovens da contemporaneidade e perpassam os “já-ditos” e ouvidos com as questões que norteiam a mulher desde os tempos de outrora.

Ser Cinderela hoje é diferente de ser Cinderela no século XVI porque hoje há muitas mulheres financeiramente independentes e que não precisam do príncipe encantado para custeá-las. Sendo assim, poder-se-ia pensar que a Cinderela contemporânea busca um homem que saiba valorizá-la pelo que ela é, saiba suprir suas carências afetivas e não as econômicas. Ser Luluzinha no século XXI também é diferente de ser Luluzinha no início do século XX, pois as mulheres já foram vitoriosas em muitas de suas lutas.

O que acontece na contemporaneidade é algo como se as imagens de Cinderela e de Luluzinha se fundissem e projetassem uma mulher que conquistou voz social, tornou-se independente, mas não deixou de ser romântica, ainda quer alguém do seu lado, sem, no entanto, ter que se preocupar com a oficialização de uma união ou outra convenção.

Os discursos ora aparecerão em oposição, em outras se coadunarão para se resignificarem. Na ideologia do contemporâneo para o feminino flutuam representações de agora e de outrora, algumas ainda estão em conflito, resultando assim numa prática discursiva que mescla todas as representações de mulher às quais as adolescentes têm e já tiveram acesso, seja pelo(s) grupo(s) social(is) que frequentam, seja pela cibercultura que lhe oferece inúmeras dessas representações diariamente. Para essa reflexão, cita-se Foucault (1970 apud REVEL, 2005, p. 37):

O discurso designa, em geral, para Foucault, um conjunto de enunciados que podem pertencer a campos diferentes, mas que obedecem, apesar de tudo, a regras de funcionamento comuns. Essas regras não são somente linguísticas ou formais, mas reproduzem um certo número de cisões historicamente determinadas (por exemplo, a grande separação entre razão/desrazão): a “ordem do discurso” própria a um período particular

possui, portanto, uma função normativa e reguladora e coloca em funcionamento mecanismos de organização do real por meio da produção de saberes, de estratégias e de práticas.

O real das adolescentes está poluído das representações que as circundam seja pelo discurso da mídia, seja por outros discursos de outras instituições sociais que frequentam e das quais participam. É natural que seus discursos sejam constantemente ressignificados a partir de sua posição social, na conjuntura do contemporâneo.

MANIFESTAÇÕES DISCURSIVAS NO TUMBLR:

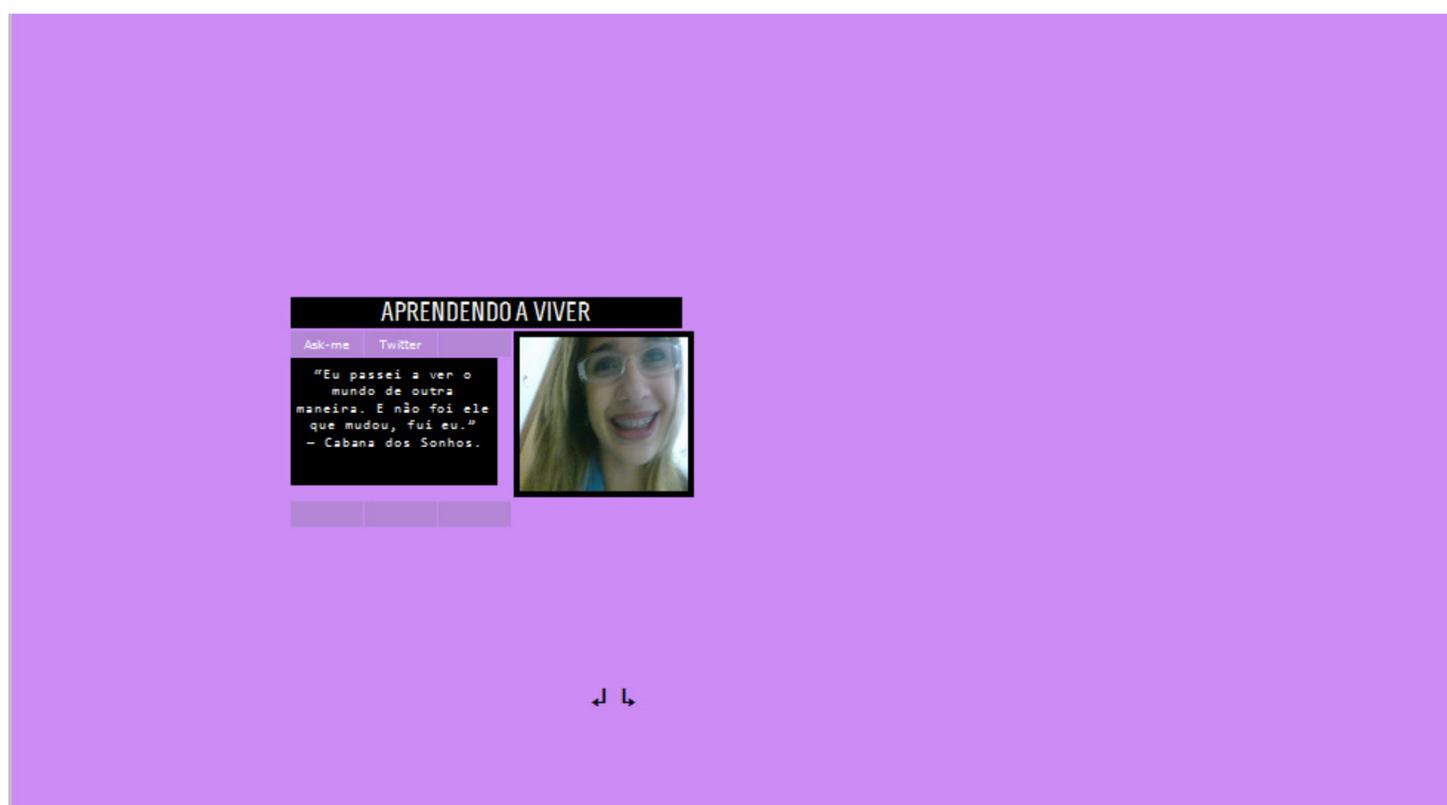
*formações
imaginárias
de Cinderelas e
Luluzinhas
(re)significadas por
adolescentes na
cibermídia*

Este capítulo trata de análises discursivas do material já apresentado. Retomando o objetivo da minha pesquisa, procurei analisar as formações imaginárias presentes nas práticas de leitura e escrita das adolescentes na rede social Tumblr.

Quadro 3 - Recortes do *corpus*

| TÍTULO DO TUMBLR | DATA POSTAGEM | LINK DE ACESSO |
|------------------|---------------|---|
| Site oficial | Permanente | https://www.tumblr.com/ |
| Mihnaves17 | Junho de 2012 | http://mihnaves17.tumblr.com , |
| Me-morias | | http://me-morias.tumblr.com/ |

4.1. Ser Cinderela somente se o interlocutor for príncipe





A primeira análise apresentada é um texto do Tumblr <http://miihnaves17.tumblr.com>. O Tumblr¹⁸ possui o fundo lilás, na primeira página aparecem uma foto, que pensamos ser da usuária, e os dizeres “*Aprendendo a viver*” e “*Você não sabe, mas escondo a minha dor para te ver feliz*”. Esses dizeres evidenciam que a usuária está construindo um aprendizado de vida, pois escolheu um verbo no gerúndio, uma forma verbal que ressalta a continuidade da ação no presente. Infere-se também que a usuária possui alguém de quem gosta muito, já que afirma abrir mão de sua felicidade em favor da felicidade do outro.

18 A descrição apresentada é de fevereiro de 2013. Em junho de 2012, o Tumblr apresentava outra configuração, na qual podia se ver a descrição do perfil da usuária apresentada na primeira análise. No final do ano de 2012, a usuária trocou de *layout* e a descrição do perfil não aparece mais na primeira página.

Movendo o cursor, aparece insistentemente onde quer que se vá na tela o enunciado “*Eu, você, nós*”. Esse enunciado reforça o desejo e o modo de pensar da usuária e a situação em que talvez se encontre ou se sinta: há de ter alguém que juntas formam o “nós” e este fato linguístico remete ao interdiscurso do romantismo, do par romântico.

Na página inicial há dois *links*, o primeiro “*ask-me*” permite que os visitantes acessem uma página na qual podem deixar perguntas para a usuária. O segundo *link* “Twitter” permite o acesso àquela rede. Enquanto o visitante lê as postagens, ouve um fundo musical composto por cinco canções, sendo três sertanejas, uma *pop* e uma internacional, revelando uma usuária de gosto musical eclético.

As páginas seguintes trazem as postagens, da mais recente para a mais antiga, e revelam algumas preferências de leitura. Há recortes de várias obras como “A Cabana”, “Diário de uma paixão”, “A menina que roubava livros”, “Dom Casmurro”, muitas frases de Tati Bernardi, Caio Fernando Abreu e Clarice Lispector e muitos trechos de música. Há sempre uma articulação entre um texto e uma imagem, como fotos de casais jovens se abraçando, na cama ou no sofá, e pequenas sequências animadas, como recortes de filmes, que fazem o leitor desse tumblr perceber uma usuária em fase de descobertas sexuais, pois na maioria das imagens o casal está de roupas íntimas ou troca carícias mais ousadas. Há também muitas reblogagens diversas.

O texto analisado a seguir foi postado em junho de 2012 e na época compunha a descrição do perfil da usuária.

Não sou grossa, sou sincera. Não sou estúpida, sou direta. Não curto muito forçar simpatia não, então não vem cobrar. Sou legal com quem é comigo. E se me elogiar vou ficar toda boba sim. Mas se for vir me criticar, avisa, que eu te dou um espelho antes.

Esse trecho revela um sujeito que assume a posição social da sinceridade e de ser direto, ou seja, uma pessoa que fala o que

precisa e o que pensa; é consciente de si, sabe exatamente como é e exatamente como não é. Para isso usa, nos dois primeiros períodos, orações coordenadas assindéticas, iniciados pelas orações que negam os adjetivos “grossa” e “estúpida”.

Os dois primeiros períodos revelam a memória discursiva dos “já-ditos” “muita sinceridade é grosseria”, e “ser muito direta é ser estúpida”, entretanto, esses “já-ditos” estão (re)significados pelo sujeito, pois para ele sinceridade não é sinônimo de grosseria, tampouco alguém que fala o que pensa é alguém estúpido. Os adjetivos “sincera” e “direta” são usados com uma conotação positiva que valoriza o sujeito, em oposição à desvalorização dos adjetivos “grossa” e “estúpida” que o sujeito rejeita para si.

As formações imaginárias desse sujeito são em relação a si e seu interlocutor e remetem à postura de Luluzinha, que é sincera, impulsiva e espontânea, sem ser agressiva e mal-educada.

O sujeito vê a si mesmo como uma pessoa sincera e direta, podendo falar o que desejar depois de avisar seu interlocutor disso. No entanto, imagina que seu interlocutor pode achar que sinceridade demais gera grosseria e estupidez, por isso reforça que não é isso, mas sim sincera e direta e assim projeta que seu interlocutor entenderá. Ao fazer isto, pode-se perceber que esta usuária encontra-se na linha tênue da posição de Luluzinha, qual seja: a de ser indiferente ao que os outros vão pensar, pois são apenas convenções. E da posição de Cinderela que deve satisfação e respeito às convenções, por isso precisa se preocupar com o que outros pensarão dela.

Partindo para a análise do terceiro período do trecho, “não curto muito forçar simpatia não, então não vem cobrar”, tem-se aí novamente a retomada da posição social de um sujeito que não pretende agradar a todos, ou seja, não se adequa a convenções e não pretende ser cobrado por transgredi-las: uma tentativa discursiva de reforçar o posicionamento de Luluzinha. Ao dizer que não curte simpatia, então não adianta que lhe cobrem isso, escolhe uma oração conclusiva que reforça ao interlocutor a ideia da não submissão, ou seja, cobranças não funcionam porque esse sujeito não pretende agradar ninguém.

O sujeito procura aqui antecipar uma imagem de si, tal qual a imagem de uma feminista avessa a modelos que agradavam a todos. A imagem de seu interlocutor é a de alguém que cobra ser bem tratado como se isso fosse uma regra de conduta, então avisa-o que não será assim, podendo continuar sendo ela mesma. Por isso, nesse ponto podem-se notar formações imaginárias que remetem em certa medida ao discurso da Luluzinha, que não agia para agradar ninguém a não ser a si mesma.

Até aqui o sujeito, através das antecipações de si e de seu interlocutor, procura antecipar muito mais formações imaginárias de Luluzinha do que de Cinderela. Porém, o próximo período é uma oração na qual o sujeito abre uma brecha no comportamento definido inicialmente. Apesar de apresentar-se como sincera e direta e não ligar se agrada ou não, se o seu interlocutor for legal, também será. Sendo assim, o sujeito deixa transparecer o interdiscurso com o Código de Hamurabi, no qual “olho por olho, dente por dente” definem as ações, antecipando para si uma imagem de justiça porque só trata bem quem a trata. Embora a personagem Luluzinha não faça isto em seus discursos, seu posicionamento e seu agir remetem ao discurso do Código de Hamurabi.

O efeito de sentido de segurança e determinação no que quer é sugerido pela adolescente, que procura criar a imagem de um sujeito que não está disposto a aceitar tudo sempre, como fazia Cinderela, mas pode ser que de vez em quando aceite, dependendo da atitude de seu interlocutor. Portanto, antecipa imagens de um interlocutor que tem o comportamento de um príncipe encantado; se for legal, merecerá a princesa, caso contrário, merecerá a rebelde. Nesse sentido, a interlocutora adolescente se coloca discursivamente como alguém que faz aquilo que quer e quando quer independente da vontade e da opinião do outro, quem a quiser deve seguir suas determinações, seus desejos, reforçando as formações imaginárias da não submissão de Luluzinha.

Em: “*se me elogiar vou ficar toda boba sim. Mas se for vir me criticar, avisa, que eu te dou um espelho antes.*”, o sujeito estabelece as condições que delimitam seu comportamento, remetendo-se às formações imaginárias de Cinderela e/ou de Luluzinha à medida que usa a conjunção adverbial condicional “se”; a conjunção adversativa “mas” estabelece a oposição entre as atitudes que virá a ter de acordo com as de seu interlocutor.

Há também formações imaginárias de um sujeito narcisista, que não aceita críticas porque acredita que todos os outros têm defeitos, menos ele, já que revela aceitar apenas elogios, críticas não.

Para completar a análise, definem-se as condições de produção desse enunciado, visando mostrar por que esse enunciado foi possível no momento em que aconteceu. Pensa-se na ideologia social e histórica que o regeu, a contemporaneidade. Nesse momento, prevalecem as formações imaginárias que compõem o discurso feminista atual, em oposição às do romantismo, pois a mulher galgou novas posições profissionais e aos poucos foi se desvinculando da imagem da sujeição. Assim, é possível ao sujeito feminino ser sincero, direto, não aceitar críticas, visto que hoje seus caminhos são decididos por si mesmo e não mais pelo pai, marido ou sociedade. Porém, não há como o sujeito se desfazer das formações imaginárias de Cinderela que produz ecos no discurso dessa adolescente, que passa a projetar essas imagens de forma (re)significada.

4.2 Amar e sofrer por que, se Luluzinha eu posso ser?

| | |
|-------------|-------------|
| Meus Textos | Verdades |
| Pergunta | Não gostou? |
| Mãe perto | Home |

Home



Meant to be.

"Não sou sempre simpática. Tudo bem, não saio por aí amando todo mundo que encontro pelo caminho, meus sorrisos não aparecem com facilidade, mas me importo com as pessoas."
- Jogos Vorazes.

next >

Cred

Cred

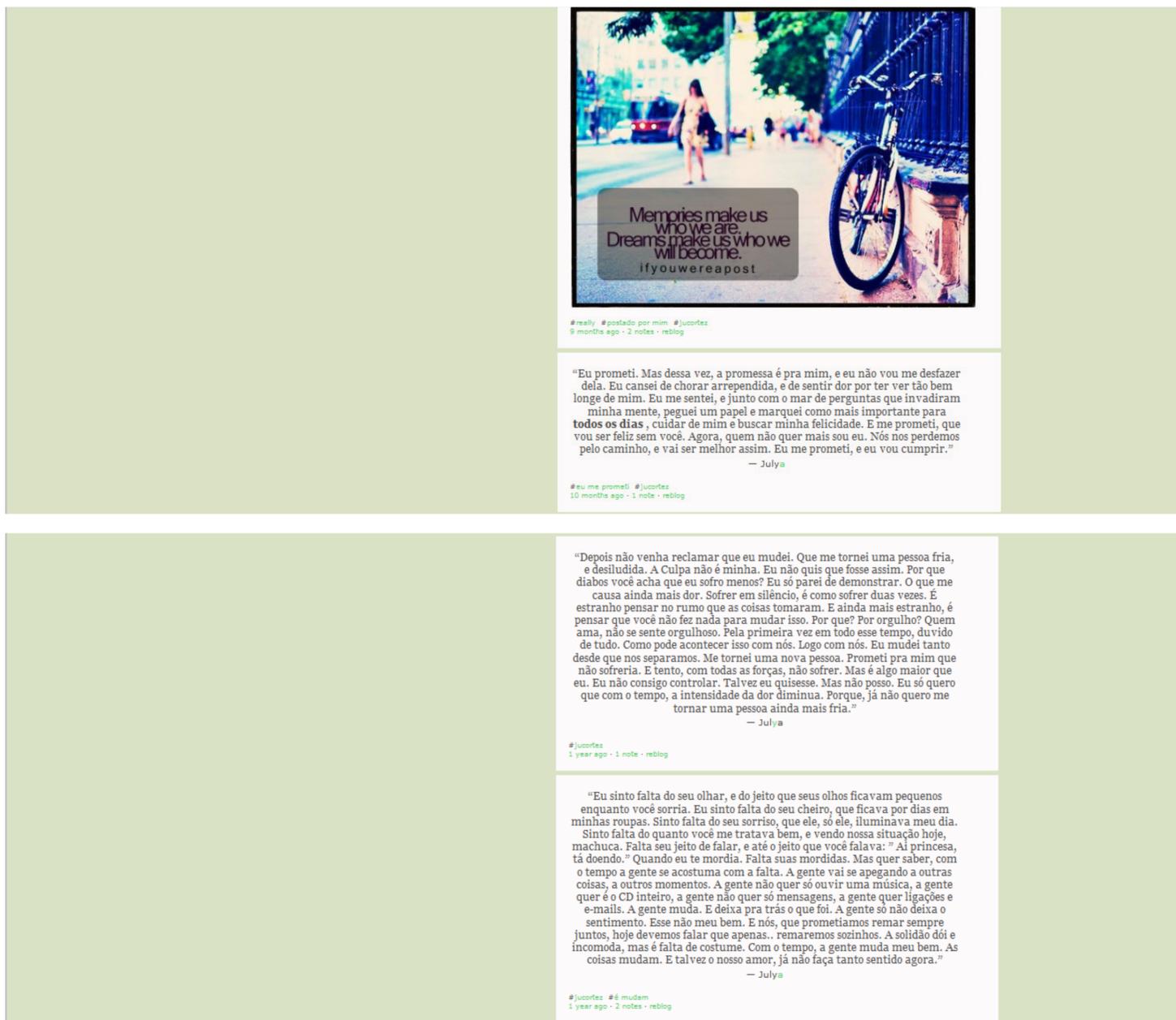
NADA CONTRA VOCÊ, EU ATÉ PODERIA TE JOGAR DE UM PENHASCO.

#jucorfez #bjao gafa
3 months ago · reblog

"Talvez um dia, nem tão distante, nos encontremos por acaso no meio da rua e um constrangimento nos contagiará. Palavras não serão encontradas no fundo da nossa memória e talvez nem meu nome você se lembre mais. Reconhecemos uma à outra e simplesmente daremos um sorriso com o olhar, estranho e sem graça. Diferente do que fazíamos a anos atrás, mas nada voltaria ao normal. O que mais eu poderia fazer além de colocar seu nome em minhas orações e conversar baixinho com Deus pedindo sempre o seu bem? O que mais eu poderia fazer, se o tempo já se encarregou de fazer o bastante por nós? Tempo... O maldito, talvez nem tão maldito assim, que separou de mim alguém tão importante. Peço, imploro se preciso for, para que não me culpe por quaisquer mudanças que notastes em mim, mas a garotinha de 8 anos que abraçava uma de 9, vestindo seu moletom do Mickey se foi. E não só ela, mas a de 9 também. Não negue, você sabe que já não é mais aquela garotinha a bastante tempo. Nos afastamos à anos, e por um longo tempo tentamos voltar com aquilo que existiu a alguns anos em, como você mesma diz, base do ensino fundamental. Mas você, assim como eu, sabe que nunca voltamos a ser como éramos. Eu sinto, realmente, um carinho imenso por ti e no futuro quero realmente poder dizer: "Ei princesa, aquela ali foi uma das peças mais importantes para construir o quebra-cabeça da mamãe, sabia?" Porque eu tenho orgulho de ter feito parte da sua infância e um pouquinho da sua adolescência. Só não me culpe, peço novamente, por tudo o que vem acontecendo na minha vida e por quem eu me tornei. Sinceramente, eu também preferia aquela menina de cabelos pretos e moletom do Mickey que eu podia, sem medo dizer que era minha. Que foi minha irmã, mas nós perdemos no tempo. E ambas mudamos.. Talvez seja de direito meu terminar com um obrigada, o que era para ser apenas algumas linhas e se tornou um desabafo. Obrigada, e quando a saudade, se houver, vier só se lembre: She will be loved."

— Da garota, que antes quando criança costumava ser a sua melhor amiga.

#jucorfez #bru #pome
6 months ago · 1 note · reblog



A segunda análise é de um trecho postado no Tumblr (<http://memorias.tumblr.com/>). O *layout* deste Tumblr possui dois tons de verde em degradê, sendo um fundo claro e os títulos com fundo escuro. Na primeira página, há uma foto de duas amigas, elas estão descontraídas, seguram copos e dão risadas uma para outra. Por essa foto, pode-se perceber que a usuária valoriza a amizade e vê nesse tipo de relação momentos de descontração e alegria e também remete à Luluzinha, no fato de haver um espaço só feminino como o clube da Luluzinha.

Ao lado da foto, há seis botões sendo que quatro deles levam a outras páginas da internet, um leva à página na qual podem ser feitas perguntas e o outro leva aos textos pessoais da usuária. Ao adotar essa configuração, a usuária demonstra senso de organização e valoriza

seus próprios textos, já que não os colocou juntos às blogagens de textos de terceiros. Novamente, a Luluzinha presente, no sentido de valorizar-se não só a si, mas a tudo que faz e assim delimitando seu posicionamento diante do mundo em que vive.

Logo abaixo, há uma frase que funciona como um título do Tumblr: “*Meant to be*”, uma possível tradução para a frase é “Sou alguém significativo ou de valor” e pode revelar um sujeito que está disposto a aprender com a vida, mas que existe no mundo como alguém importante e não um qualquer.

Um pouco abaixo da frase, há o seguinte trecho: “*Não sou sempre simpática. Tudo bem, não saio por aí amando todo mundo que encontro pelo caminho, meus sorrisos não aparecem com facilidade, mas me importo com as pessoas.*”, retirado do livro *The Hunger Games, Jogos Vorazes* no Brasil, escrito pela americana Suzanne Collins.

Na obra, a frase é dita pela protagonista e no Tumblr funciona como a descrição do perfil da usuária, portanto, há uma identificação da usuária com a personagem¹⁹. Observa-se aqui um sujeito tal qual a personagem de *Jogos Vorazes*: não perfeito e não aceito por todos. Afinal, concorda com o dizer do outro e toma esse dizer para si. Essa apropriação deixa claro que a usuária não se considera simpática o tempo todo, por isso se vale dos advérbios “não” e “sempre” revelando, por meio dessa apropriação, que ela não costuma sorrir para todos, mas se preocupa com isso.

Assim antecipa formações imaginárias do discurso segundo o qual as pessoas que aparentam ser menos alegres no fundo não se

19 Narrado em primeira pessoa, o livro acompanha Katniss Everdeen, uma garota de dezesseis anos que vive em um mundo pós-apocalíptico, em um país distópico chamado Panem – localizado onde estaria a América do Norte. O país é dominado por uma metrópole tecnologicamente avançada chamada Capital, que realiza anualmente os *Jogos Vorazes*, nos quais um garoto e uma garota, entre doze e dezoito anos, de cada um dos doze distritos do país, são selecionados através de sorteio para participar de uma batalha televisionada em uma arena da qual apenas um deles deve sair vitorioso e sobreviver.

importam com os outros e, logo, avisa ao seu interlocutor que ela se vê dessa forma. Isto parece funcionar como uma preservação da face da usuária e uma preocupação com aquilo que os outros pensam dela, daí ser necessário ressaltar o que ela realmente pensa. Esse trecho também revela uma preferência de leitura e uma identificação com temas contemporâneos e enredos fictícios que envolvem ação e uma dose de romance.

Este Tumblr também articula imagem e texto/discurso, porém nesse as fotos de casais não retratam contatos íntimos, os casais aparecem de mãos dadas, passeando por praças, praias, etc. Aparecem conversando, andando de bicicleta e, na maioria das imagens, estão felizes e assim pressupõe-se que essa usuária valoriza situações de companheirismo, momentos a dois e pode acreditar que um relacionamento é para fazer feliz e propiciar bons momentos. Todo esse conjunto de imagens e discursos remetem ao romantismo da Cinderela. Esse Tumblr não possui trilha sonora.

A postagem analisada a seguir é de julho de 2012 e se trata de um texto criado pela própria usuária.

Eu sinto falta do seu olhar, e do jeito que seus olhos ficavam pequenos enquanto você sorria. Eu sinto falta do seu cheiro, que ficava por dias em minhas roupas. Sinto falta do seu sorriso, que ele, só ele, iluminava meu dia. Sinto falta do quanto você me tratava bem, e vendo nossa situação hoje, machuca. Falta seu jeito de falar, e até o jeito que você falava: “Ai princesa, tá doendo.” Quando eu te mordia. Falta suas mordidas. Mas quer saber, com o tempo a gente se acostuma com a falta. A gente vai se apegando a outras coisas, a outros momentos. A gente não quer só ouvir uma música, a gente quer é o CD inteiro, a gente não quer só mensagens, a gente quer ligações e e-mails. A gente muda. E deixa pra trás o que foi. A gente só não deixa o sentimento. Esse não meu bem. E nós, que prometíamos remar sempre juntos, hoje devemos falar que apenas... remaremos sozinhos. A solidão dói e incomoda, mas

é falta de costume. Com o tempo, a gente muda meu bem. As coisas mudam. E talvez o nosso amor, já não faça tanto sentido agora. (JULYA, via me-morias).

Pela íntegra do texto, observam-se formações imaginárias de Cinderela que remetem à idealização romântica do par perfeito. O sujeito antecipa que seu par romântico será seu interlocutor e assim escreve o texto para que seu par romântico o leia. De um lado, o “eu”, “minhas” – marcas linguísticas de primeira pessoa – que sente falta do outro, no texto evidenciado pelo pronome possessivo “seu”.

Nos oito primeiros períodos do texto, esse sujeito sente-se solitário, ressaltando a ausência do outro pela expressão “eu sinto falta”. Tal expressão inicia o primeiro período e se repete no segundo integralmente, mas, a partir do terceiro período, a expressão perde o pronome “eu” e, mais adiante, aparecerá apenas o substantivo “falta”. Trata-se de um efeito de sentido que pode ser entendido como a perda amorosa vivida pelo sujeito. Perda essa que vai contaminando seu discurso, a ponto de se perderem algumas palavras, de tantos sentimentos aflorados e doloridos pela perda. Esse sentido é reforçado também pelas lacunas – partes do texto em que parecem faltar palavras, denotando assim que foi escrito em um momento de desabafo: o sujeito imagina-se como um sofredor que sente a falta do ser amado, está sozinho e vivendo de lembranças, chora, soluça e profere um discurso cheio de lacunas. Mais uma vez vêm à tona as formações imaginárias de Cinderela.

Existe uma oposição entre momento passado e momento presente, ressaltado pelos verbos no pretérito imperfeito do modo indicativo, para referir-se às ações vividas pelo par romântico; e o presente, “sinto”, que reforça a solidão. Porém, a partir do nono período – “*Mas quer saber, com o tempo a gente se acostuma com a falta*” – o sujeito assume-se em outra posição social, a da resignação tal qual Cinderela quando pensa ter perdido o príncipe.

A conjunção coordenativa adversativa reforça essa mudança, inserindo o sujeito na posição social de conformado, ou de alguém que já se acostumou a conviver com a falta do outro. Logo em seguida, sai da resignação e assume a posicionamento de uma nova busca, talvez não de outro parceiro, mas de coisas que poderão substituir a dor de sua perda. Os próximos enunciados criam a formação imaginária da superação e da busca de novas oportunidades – *“A gente vai se apegando a outras coisas, a outros momentos”*.

O uso do gerúndio marca a ação que está acontecendo no presente, o sujeito ainda não superou completamente a perda, mas já percebeu que não deve continuar insistindo num reencontro. A condição de produção do discurso muda, não é mais o sofrimento que o embasa, mas sim a esperança. Nesse momento, o discurso deixou de ser em primeira pessoa do singular. Não é mais o “eu” quem fala, mas o “a gente”, uma expressão coloquial que inclui os demais no discurso do sujeito. Assim, o sujeito antecipa que seu interlocutor também pode ou deve ter ouvido conselhos que indicassem a superação do rompimento. Também podem-se inferir relações interdiscursivas com os demais discursos que ele ouviu: frases, conselhos, aforismos, segundo os quais ele (re)significa o seu.

Nos trechos finais, *“A solidão dói e incomoda, mas é falta de costume. Com o tempo, a gente muda meu bem”*, percebe-se o tom irônico usado pelo sujeito ao referir-se ao seu interlocutor com o vocativo “meu bem”, reforçando assim as formações imaginárias que remetem à Luluzinha e que o sujeito procura construir para si, já que, apesar de todo sofrimento, é possível viver sozinha, sem aquele “bem”. Essa imagem ganha ainda mais força no discurso quando o sujeito reafirma que as coisas mudam e *“E talvez o nosso amor, já não faça tanto sentido agora.”*, marcam a posição de um sujeito que desacreditou da relação amorosa, achando que realmente não precisa mais do interlocutor para continuar vivendo. O discurso está marcado pelas formações imaginárias de Cinderela e de Luluzinha.

4.3 O amor não morre nunca

FOLLOW ON TUMBLR ASK SUBMIT RSS FEED ARCHIVE

» HOME



(via querido-john)

Jul. 10, 2012 12:55 pm Nameavish 7 483 Notas

Like 0 Tweet 0 +1 0 Pin it

« Eu ando tomando o rumo certo agora, me deseje sorte.

Caio Fernando Abreu. (via n-o-v-o-h-e-r-o-i)
(via as-palavras-que-ninguem-diz)

Mar. 24, 2013 12:43 pm The-Thousand-Synonyms-Of-Love 24 049 Notas

Like 0 Tweet 0 +1 0

« Quando algo de bom acontece na sua vida, você começa a ligar os pontos. O que ficou para trás, tinha que ter ficado.

Tati Bernardi (via allaxg)
(via allaxg)

Mar. 24, 2013 12:38 pm Eles-E-Eu 16 434 Notas

Like 0 Tweet 0 +1 0



O Tumblr <http://e-n-d1.tumblr.com/> apresenta um *layout* com fundo branco que contrasta com as letras cinzas. A disposição é diferente dos descritos anteriormente. Nesse, os botões que levam às outras páginas, como a de perguntas, estão no topo da página. Na lateral, local da descrição do perfil do usuário, há uma foto de busto de uma garota que aparenta ter uns 15 anos e parece estar deitada e ter sido fotografada com ângulo de cima para baixo. A foto está articulada a um trecho de *Agda Yokowo*²⁰, descrito a seguir.

20 Ver: <https://www.facebook.com/agdayokowo> e <https://twitter.com/agdayokowo>

Vai menina, fecha os olhos. Solta os cabelos. Joga a vida. Como quem brinca, somente. Vai, esquece do mundo. Molha os pés na poça. Mergulha no que te dá vontade. Que a vida não espera por você. Abraça o que te faz sorrir. Não espere. Promessas, vão e vem. Planos se desfazem. Regras, você as dita. Palavras, o vento leva. Distância, só existe pra quem quer. Os olhos te fecham um dia, pra sempre. E o que importa, você sabe menina. É o quão isso te faz sorrir. É só.

Ao escolher o trecho para seu perfil, a usuária revela-se como sujeito disposto a aproveitar o melhor da vida enquanto estiver viva. Há nesse trecho variadas formações imaginárias que compõem diversos discursos anteriores a esse, a saber. O verbo “jogar”, usado em “*joga a vida*”, suscita as formações imaginárias de um sujeito que pretende se divertir com a vida sem se preocupar com resultados, afinal, em um jogo, pode-se ganhar ou perder; “*esquece do mundo*” traz à tona as formações imaginárias que compõem o discurso da não submissão, tom reforçado especialmente pelos períodos da sequência: “*Promessas, vão e vem. Planos se desfazem. Regras, você as dita*”. No período “*Os olhos te fecham um dia, pra sempre*”, podemos observar relações interdiscursivas com enunciados relacionados ao tema “*Carpe diem*” e efemeridade da vida, pois reforçam os ideais de se aproveitar a juventude porque não se sabe quando a vida acaba.

Os verbos que estão no modo imperativo reforçam o tom de conselho, assim o sujeito imagina que está dando um aviso ao seu interlocutor, mas a seguir projetará a imagem de interlocutor consciente de tudo que foi dito ao afirmar “*você sabe, menina*”.

Confundem-se também sujeito enunciatador e interlocutor, pois parece que estabelecem um diálogo com eles mesmos, reforçando para si sua personalidade. Nesse enunciado, as relações interdiscursivas mostram que o enunciado estabelece sentidos a partir de sentidos anteriores a ele. Há o predomínio das formações imaginárias que compõem o discurso de Luluzinha no que tange às alusões e à quebra de regras impostas pela sociedade.

Entre o texto analisado e a foto, há a frase “*The love never dies...*” que funciona como título do Tumblr. Ao usar esse enunciado como título, o sujeito revela-se um sujeito que acredita no amor e no sentimento, já que afirma que o amor nunca morre.

Da articulação entre foto, texto e título, surge um interdiscurso ressignificado que permite ao interlocutor antecipar formações imaginárias de um sujeito que acredita na força do sentimento, mas ao mesmo tempo não quer cumprir regras que possam impedi-lo de viver a vida plenamente antes que ela acabe.

Considerações finais

Para concluir este texto, ressalto, primeiramente, a relevância do tema analisado à medida que esse se adéqua ao momento contemporâneo, no qual prevalecem relações virtuais, temporárias, fluidas.

Nesse momento, em que a cibercultura e o ciberespaço estabelecem novos gestos de leitura e escrita, é interessante lançar um olhar para a Comunicação Mediada por Computador e notar que ela propicia a circulação de preferências de leitura, fomentando a criação de redes de contatos entre sujeitos que comungam as mesmas preferências.

Ao mesmo tempo, o convívio em rede dá ao sujeito notoriedade, instaurando um momento ímpar no desenvolvimento de novas práticas também de escrita. Assim, ao comentar *posts*, o sujeito dá voz a si mesmo e angaria seguidores para seus perfis. Os usuários das redes são, dessa forma, sujeitos que leem e escrevem em “novas” condições de produção discursiva. Portanto, a *Web 2.0* e seus dispositivos, entre eles, o Tumblr, têm se firmado como espaços fecundos e borbulhantes para a leitura e para a escrita dos adolescentes que se dispõem a conviver na rede, “dizendo” do mundo, do outro e do mundo do outro e “se” dizendo.

As redes sociais abrem espaço para que o sujeito tenha posicionamentos que os faça escolher, transitar, “pertencer” a grupos que vão se fazendo e refazendo à proporção da necessidade/vontade do indivíduo. E, como na internet não circulam apenas os sentidos institucionalizados e legitimados, mas também outros, observa-se que constantemente surgem sentidos “novos”, que vão sendo relidos, reescritos, novamente ditos e podem ser ressignificados.

Posto isto, meu primeiro objetivo foi observar as práticas de leitura e escrita que formam os discursos sobre a mulher que ora se posiciona como Cinderela, ora como Luluzinha na contemporaneidade, no espaço discursivo da internet. Para cumprir esse primeiro intento, observei

oito endereços entre maio de 2011 e dezembro de 2012 e elaborei um quadro com os nomes dos autores e das obras que mais foram citadas no período. Os resultados apontaram, no segundo capítulo, preferências de leitura de obras variadas, em que aparecem tanto obras romantizadas, quanto de ficção científica. A tabela mostrou também indícios de um discurso parafrástico que tende a considerar autores do cânone literário como propícios apenas para citações de trechos e versos, enquanto os autores contemporâneos de sagas como *Crepúsculo* são os indicados para leitura da obra completa.

Outro objetivo meu foi identificar, no processo de elaboração discursiva, verbal e não verbal, as imagens discursivas que o condicionam e as quais remetem aos mecanismos de funcionamento da linguagem: as relações de sentido, as relações de força e a antecipação condicionada pelas formações imaginárias. Para atingir esse objetivo, fez-se necessário estabelecer um primeiro capítulo teórico que suscitasse reflexões acerca dos conceitos mencionados.

Tive ainda um terceiro objetivo: verificar, dentre as diversas representações do feminino, as que evidenciavam as formações imaginárias da Luluzinha ou da Cinderela e se estas ressignificam tais imagens ou apenas repetem “um já dito”, “um já lá”. Para enfatizar esses questionamentos, o terceiro capítulo apresentou as personagens Cinderela e Luluzinha. Essas imagens foram contextualizadas a partir de sua origem e observou-se sua presença no ciberespaço. Dessa observação, se concluiu que, na contemporaneidade virtualizada, coexistem muitas imagens/representações do que é ser mulher. Dentre essas, a de Cinderela e a de Luluzinha.

Os objetivos acima descritos corroboraram a efetivação do objetivo principal: investigar as formações imaginárias que revelam as representações que adolescentes fazem da mulher contemporânea, mais especificamente, aquelas que se encaixam em duas construções discursivas imagéticas: a da Cinderela e a da Luluzinha presentes na rede social Tumblr.

Partindo das seguintes premissas: a) as mulheres possuem representações sociais diferentes ao longo da história; b) as representações de Cinderela e Luluzinha podem estar presentes no discurso que as adolescentes usam numa rede social, as análises empreendidas no último capítulo permitem concluir que, na rede social Tumblr, os textos/discursos que constroem a imagem da adolescente apresentam formações imaginárias que coincidem com aquelas que constituem as imagens de Cinderela e de Luluzinha. No entanto, essas imagens aparecem de formas variadas: ora aparecem em oposição, ora se coadunam. Esse fato justifica-se porque a ideologia de feminino para o momento histórico contemporâneo é perpassada pela cibermídia, pela cibercultura e pelo ciberespaço. Assim, mesclam-se as imagens/representações de Cinderela e de Luluzinha de hoje e de outrora. Essa mistura provoca conflitos internos nas adolescentes e isso emerge em suas escolhas linguísticas/imagéticas. O resultado é uma prática discursiva amalgamada das imagens/representações de Cinderela e Luluzinha.

Assim, encerra-se este texto citando os dizeres de Clarice Lispector, “*E ela não passava de uma mulher... inconstante e borboleta.*”. Porque toda mulher, seja ela menina, moça, adulta ou anciã é um pouco de todas as outras que já foi, almeja ser um pouco de todas que ainda será, sua inconstância é sua permanência, ser borboleta é seu destino. Ora ser Cinderela, ora ser Luluzinha.

Referências

ALAGOAS 24H. **Valesca Popozuda posa nua em clima de protesto e diz não ao preconceito.** Disponível em: <http://www.alagoas24horas.com.br/conteudo/?vCod=127199>. Acesso em: 2 nov. 2012.

BLOG QUADRINHOS ANTIGOS. **Lulzinha 1 – Gibscuits.** 2009. Disponível em: <http://quadrinhosantigos.blogspot.com.br/2009/12/luluzinha-1-gibscuits.html>. Acesso em: 15 ago. 2012.

BAUMAN, Z. **Identidade.** Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BEAUVOR, S. **Segundo sexo.** Lisboa: Bertrand, 1958.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso.** 2. ed. 1. reimp. Tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: Imprensa Oficial de SP, 2010.

COURTINE, J. J. **Análise do discurso político: discurso comunista endereçado aos cristãos.** São Carlos: EDUFSCar, 1981.

DARTON, R. (org.). História da leitura. *In*: BURKE, P. **A escrita da história: novas perspectivas.** Tradução Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1992.

FERNANDES, C. A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias.** 2. ed. São Carlos: Claraluz, 2008.

FERREIRA, M. C. L. (coord.). **Glossário de termos do discurso**: projeto de pesquisa: a aventura do texto na perspectiva da teoria do discurso: a posição do leitor-autor (1997-2001); bolsista de iniciação científica Ana Boff de Godoy *et al.* Instituto de Letras. Porto Alegre: UFRGS, 2001.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, M. **Ética, sexualidade, política**. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 20. ed. São Paulo: Loyola, 2010.

GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2010.

GLOBO.COM. **Valesca posa com fãs na Disney**. Disponível em: <http://extra.globo.com/famosos/de-princesa-valesca-popozuda-posa-com-fas-em-castelo-da-disney-5701713.html>. Acesso em: 21 nov. de 2012.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KARP, D. Criador do Tumblr quer construir 'rede do bem'. **Veja**. São Paulo, 10 jun. 2012. Entrevista concedida a Paula Reverbel. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/criador-do-tumblr-quer-construir-rede-do-bem>. Acesso em: 9 out. 2012.

LEMOS, A. **O que é cibercultura?** São Paulo. 2010. Trecho do debate: Educar na Cultura Digital na Bienal. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=hCFXsKeIs0w>. Acesso em: 12 set. 2012.

LÉVY, P. **Cibercultura:** la cultura de la sociedad digital. Rubi: Anthropos Editorial; México: Universidad Autónoma Metropolitana: Iztapalapa, 2007.

LIVRARIA DA FOLHA. Folha de São Paulo. **Conheça a história de “Luluzinha”; personagem comemora 75 anos.** 2010. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/livraria-da-folha/826860-conheca-a-historia-de-luluzinha-personagem-comemora-75-anos.shtm>. Acesso em: 16 nov. 2012.

MOMESSO, M. R. Práticas de discurso e de leitura em *blogs* jornalísticos. In: NASCIMENTO, M. F. dos S. E.; OLIVEIRA, M. R. M. de; LOUZADA, M. S. O. **Processos enunciativos em diferentes linguagens.** Franca: UNIFRAN, 2006. p. 129-146. Coleção Mestrado em Linguística.

MOMESSO, M. R. A leitura no século XXI: discursos e representações. In: CARMELINO, A. N.; PERNAMBUCO, J.; FERREIRA, L. A. (org.). **Nos caminhos do texto:** atos de leitura. 2. ed. v. 1. Franca: UNIFRAN, 2007. p. 147-168.

MUNDO HQ. **Luluzinha versus Bolinha.** Disponível em: <http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=3&id=37>. Acesso em: 16 nov. 2012.

ORLANDI, E. P. **Análise do discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Leitura.** 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi. 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1995.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. (org.). Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Tradução Mariani B. 4. ed. Campinas: UNICAMP, 2010. p. 61-161.

PIOVEZANI, C.; SARGENTINI, V. (org.). **Legados de Michel Pêcheux inéditos em análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).

REVEL, J. **Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

REVISTA QUEM. Globo.com. **Sandy**: é possível ter prazer anal. Disponível em: <http://revistaquem.globo.com/Revista/Quem/0emi252817-9531,00-sandy+e+possivel+ter+prazer+anal.html>. Acesso em: 20 ago. 2012.

REVISTA VEJA. **Uso das redes sociais**. ed. 2282. 15 ago. 2012.

TATAR, M. **Contos de fadas**: edição comentada e ilustrada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

TUMBLR. **Regras da comunidade**. 22 de março de 2012. Disponível em: <http://www.tumblr.com/policy/br/community>. Acesso em: 9 out. 2012.

TUMBLR.COM. **Um discurso na rede social** Tumblr. 2012. Disponível em: <http://e-n-d1.tumblr.com/>. Acesso em: 19 nov. 2012.

TUMBLR.COM. **Recorte da página oficial do Tumblr.** 2012a. Disponível em: <http://www.tumblr.com/about>. Acesso em: 20 jul. 2012.

TUMBLR.COM. **Trecho de Tati Bernardi.** 2012b. Disponível em: <http://e-n-d1.tumblr.com>. Acesso em: 20 jul. 2012.

TUMBLR.COM. **Caio Fernando Abreu.** 2012c. Disponível em: <http://me-mories.tumblr.com>. Acesso em: 20 jul. 2012.

TUMBLR.COM. **Postagem que contesta Cinderela.** 2012d. Disponível em: <http://isabelaa.27.tumblr.com/post/33231988261>. Acesso em: 20 jul. 2012.

VEJA ON-LINE. **Sou o oposto da Sandy.** 2003. Disponível em: <http://veja.abril.com/260203/entrevista.html>. Acesso em: 31 out. 2012.



Sobre a autora

Doutora em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (2017). Mestre em Linguística pela Universidade de Franca (2013). Possui Licenciatura Plena em Letras Português/Inglês e suas respectivas literaturas, pela Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Passos (2008). Desde 2017, coordena o Curso de Licenciatura em Letras / Português da Universidade do Estado de Minas Gerais – Unidade Passos, onde também é docente. Orienta de projetos de Iniciação Científica e de Extensão Universitária. É líder do Grupo de Pesquisa “Discurso, Mulher e Mídias - DISMUMI”. É membro do grupo de estudos Labor (Laboratório de Estudos do Discurso), da Universidade Federal de São Carlos. Desenvolve pesquisas sobre a constituição discursiva do corpo feminino ao longo do século XX e XXI.



Letraria 